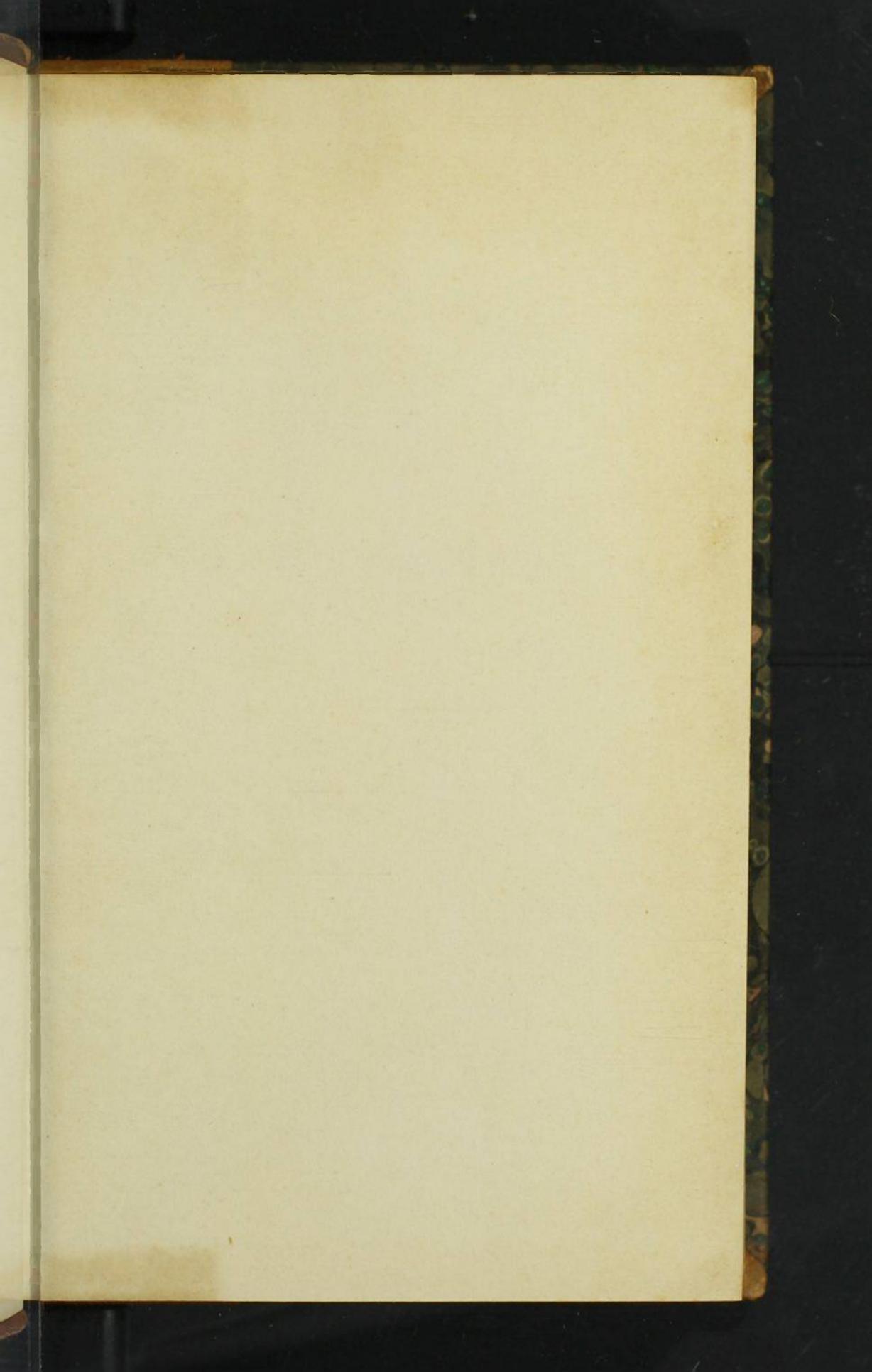


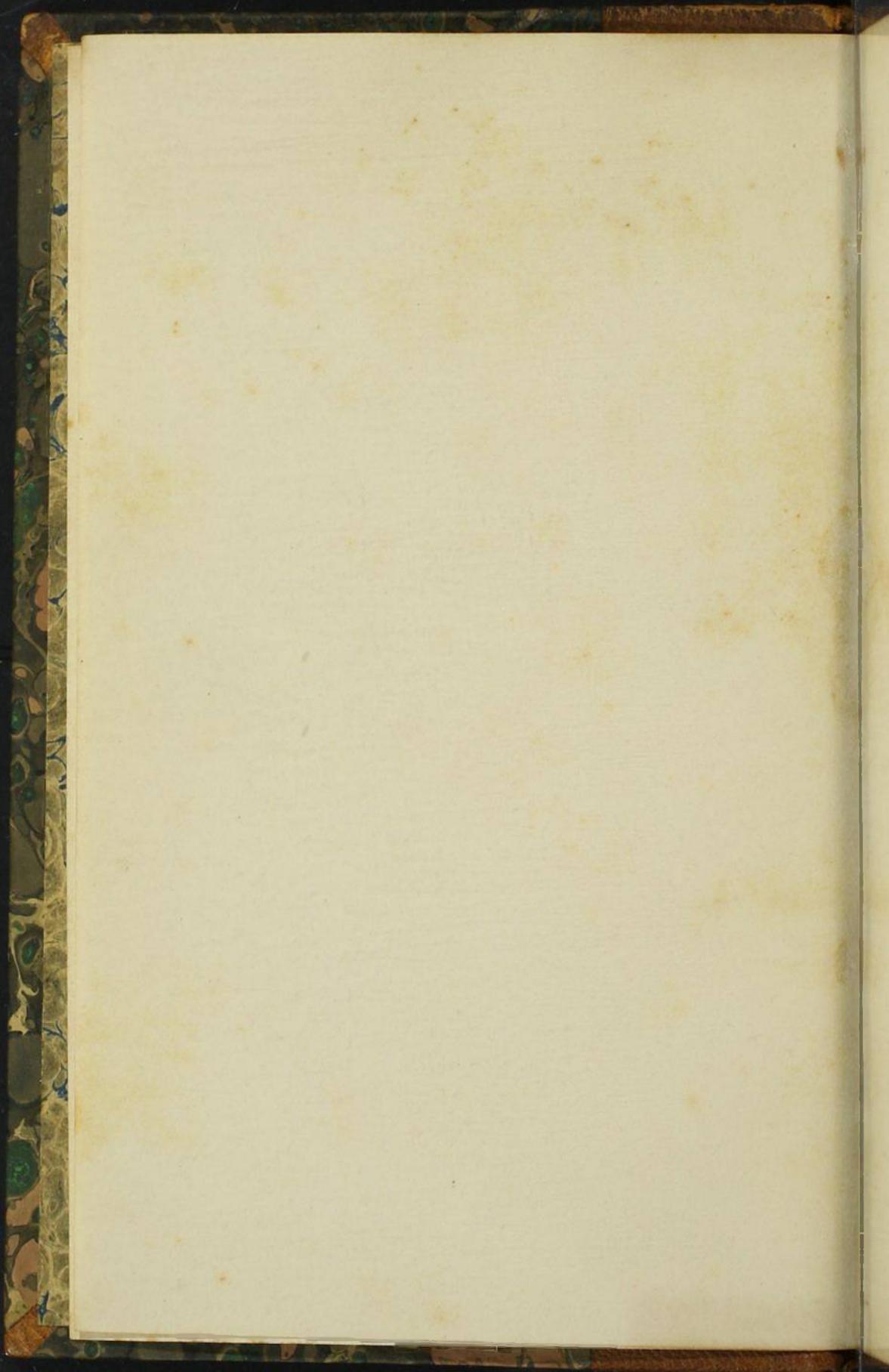
1<sup>a</sup> edição

---

Livr. Americo F. Marques

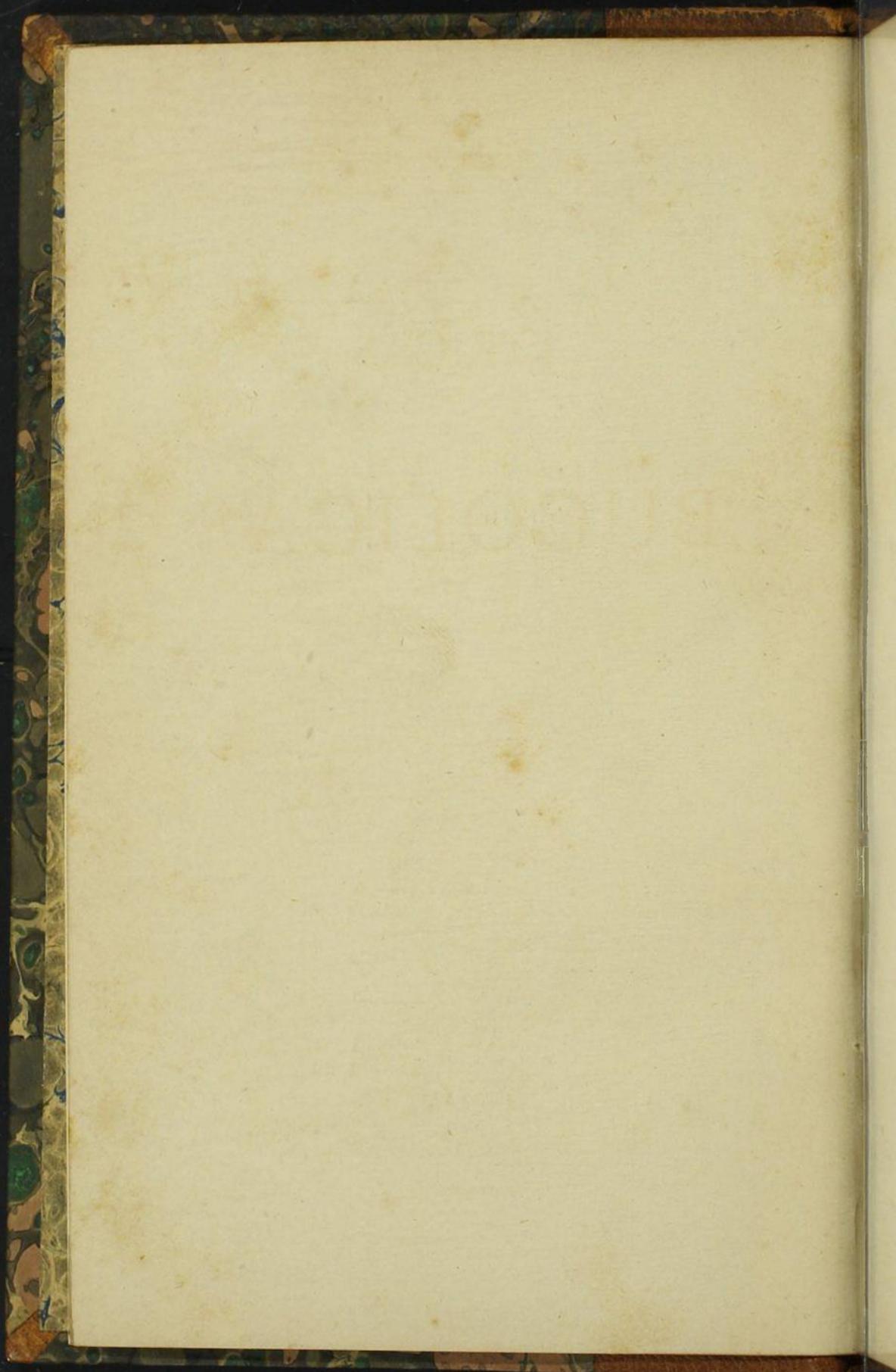
Cat. nº 3; escudos 100.00  
(brochado).





*Gabron*

LYRICAS E BUCOLICAS



ANTONIO FEIJÓ

LYRICAS

E

BUCOLICAS

(1876 — 1883)

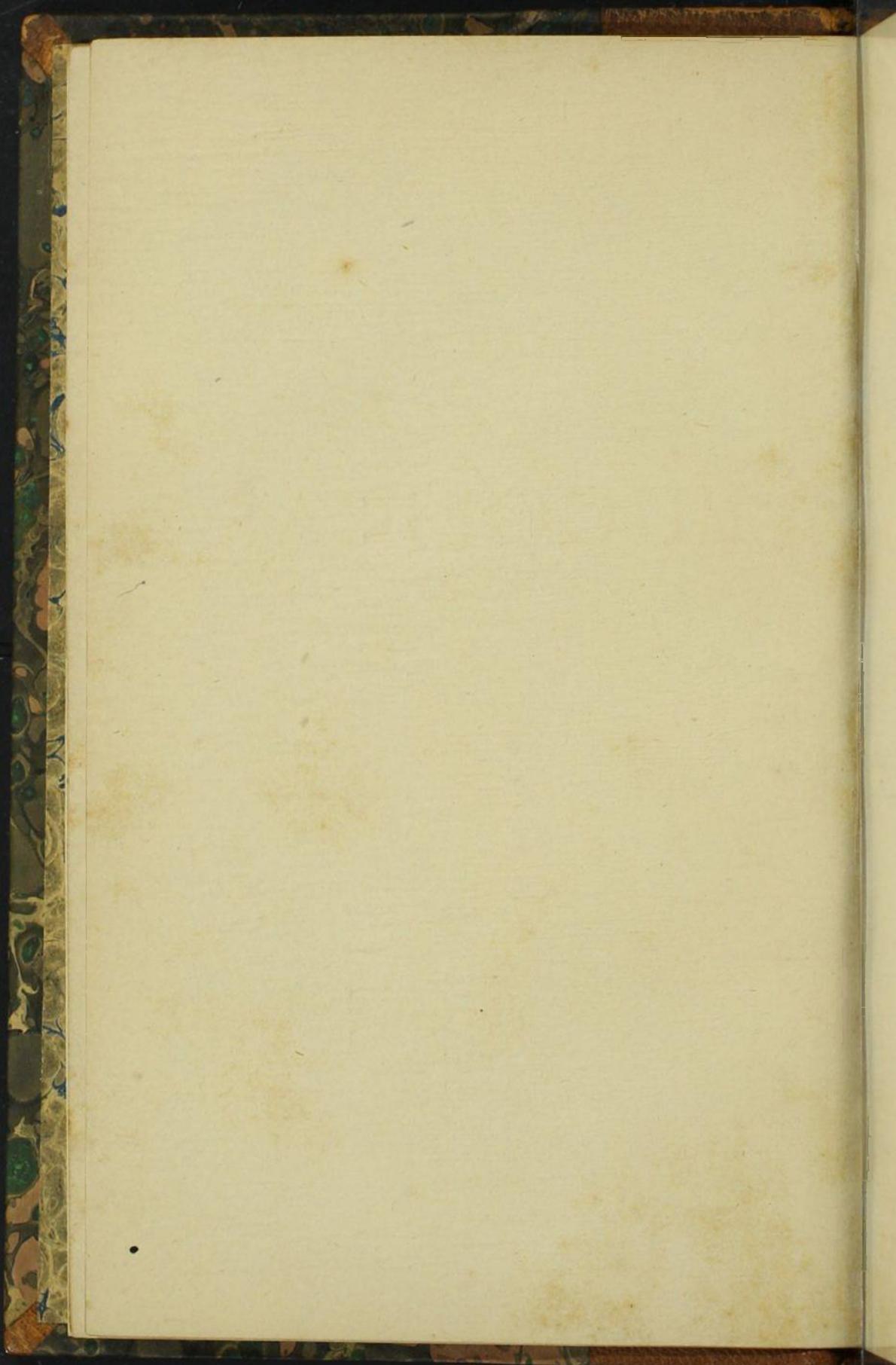


PORTO

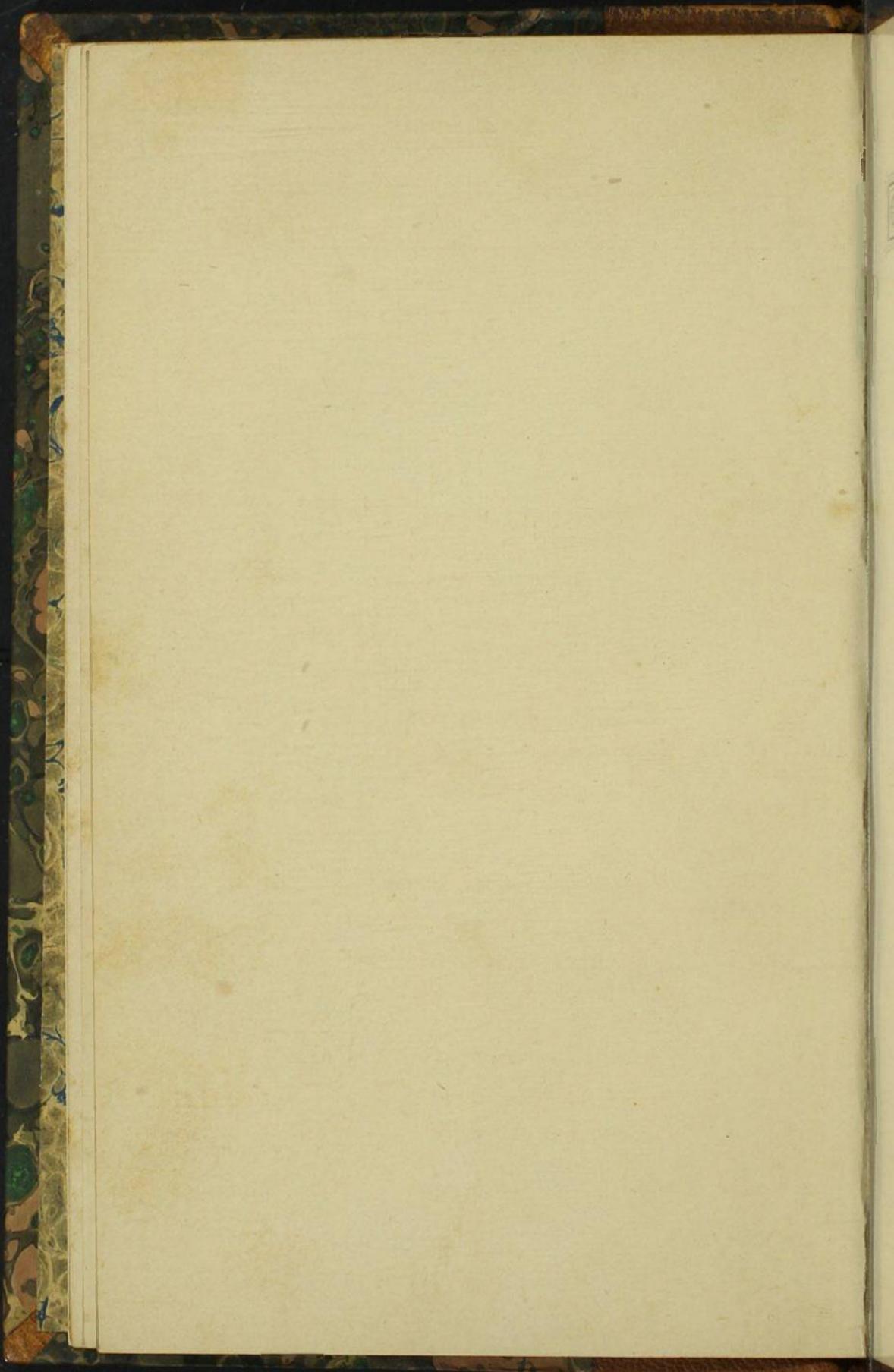
Magalhães & Moniz — Editores

MDCCCLXXXIV

1884



LYRICAS





*SYMPHONIA D'ABERTURA*

---

*Voae na immensidade,  
inspirações suaves  
da minha mocidade...*

*Um bando ethereo d'aves  
que surge, á luz do dia,  
das caprichosas naves*

*da minha phantasia...*  
*Voae, pombas ligeiras,  
já canta a cotovia!*

*Nas tremulas balseiras,  
no calice das rosas,  
na flôr das laranjeiras,*

*ha fallas mysteriosas,  
murmurios de quem chora,  
e supplicas maviosas...*

*Tudo convida agora:  
ha risos de bondade  
nas explosões da aurora!*

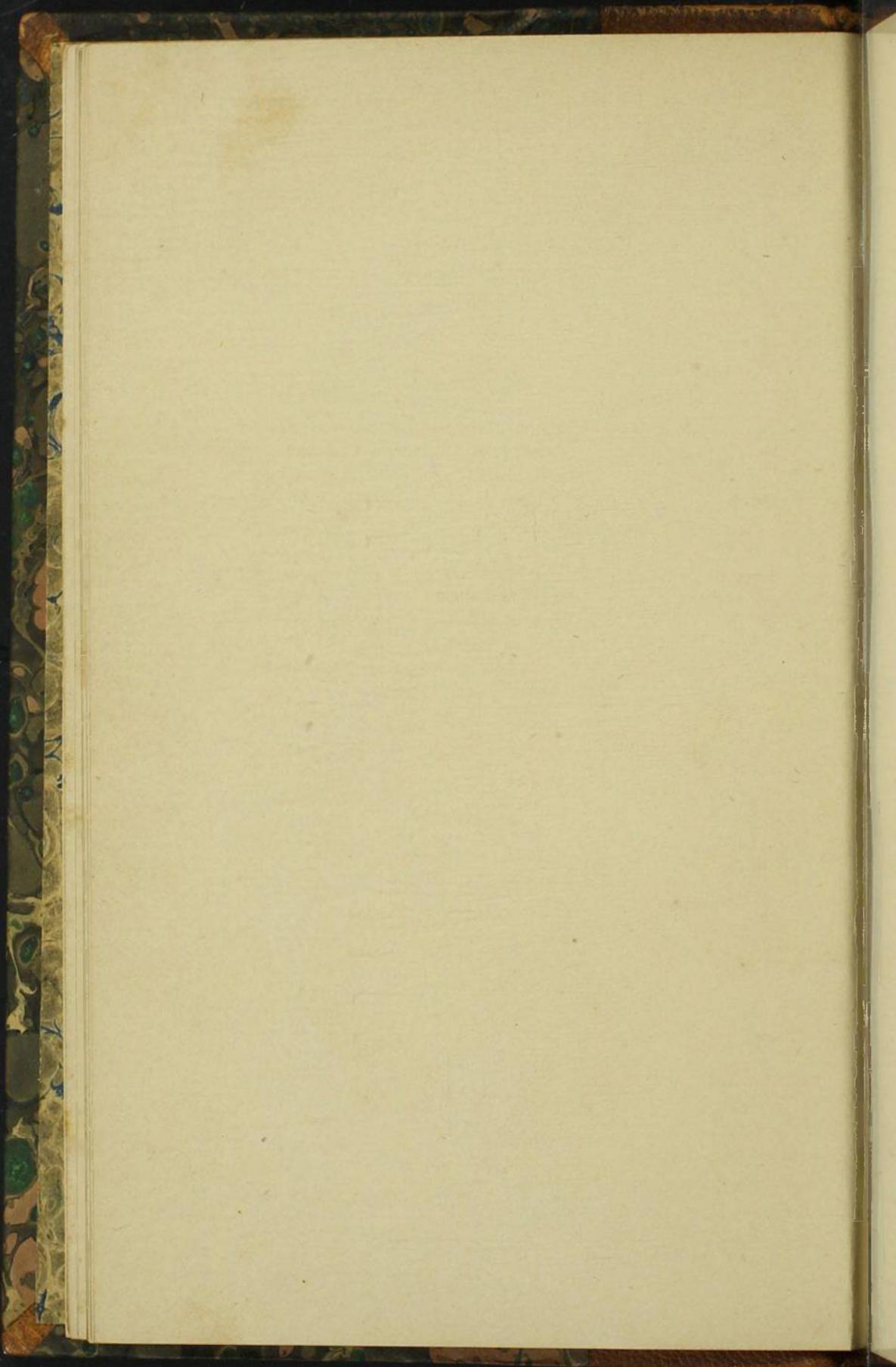
*Vertei a ultima endecha,  
do azul da immensidade,  
na cova onde se fecha*

*a minha mocidade!...*

LIVRO PRIMEIRO

*Love is my sin.*

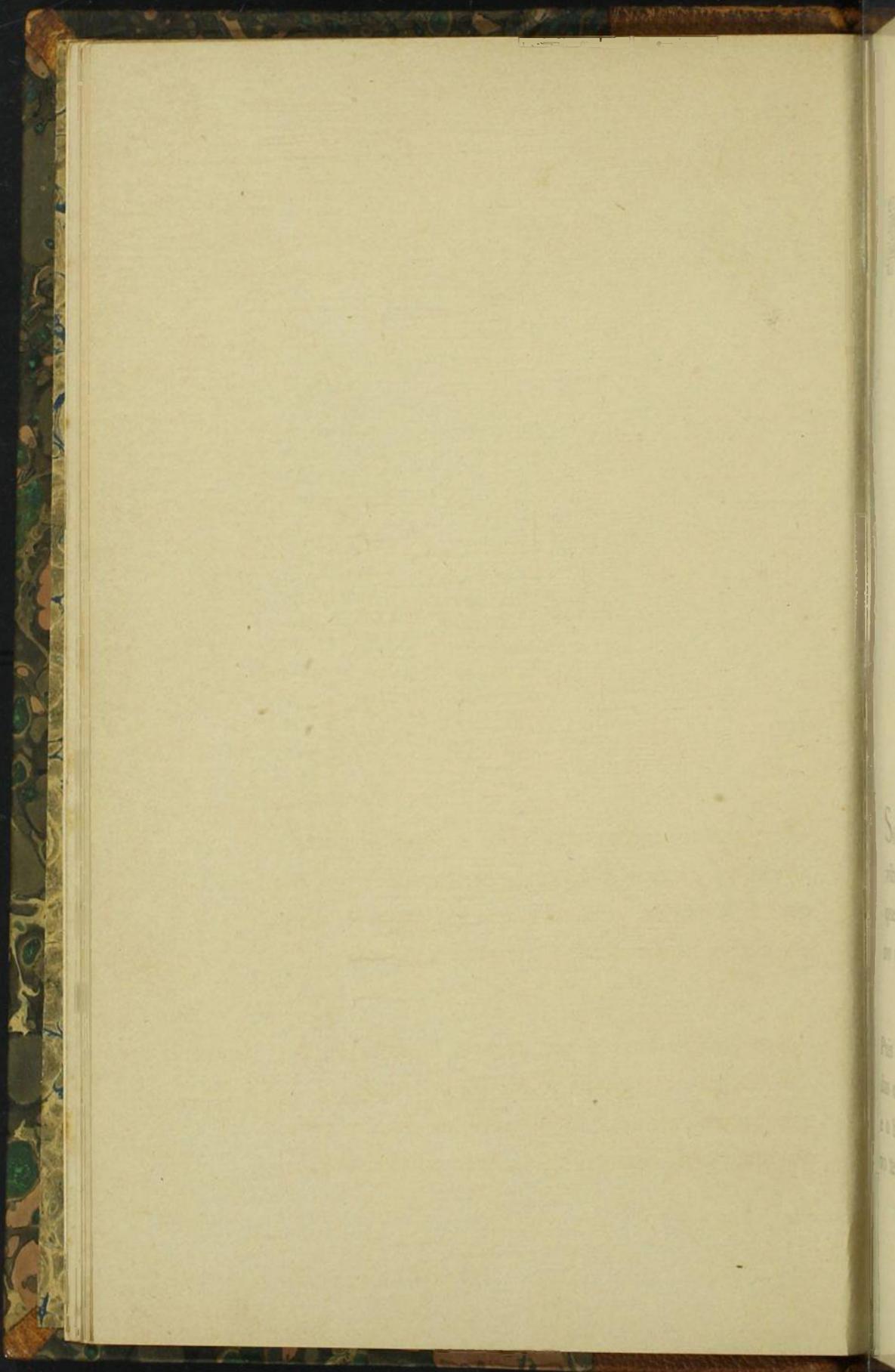
(SHAKESPEARE.)



\* \* \*

Se me encontravas em manhãs serenas  
o triste rosto em lagrimas banhado,  
murmuravas, n'um choro suffocado:  
— «Deus te minore o sofrimento e as penas!»

Eu, se te via às horas do sol posto  
sorrindo e desfolhando malmequeres,  
dizia, todo immerso no teu rosto:  
— «Bem dita sejas tu entre as mulheres!»





## ETERNO THEMA

---

Só para te cantar que falle a Apotheose!  
vibre no espaço a Lyra o canto sobrehumano!  
que a Musa se renove e em tal metamorphose  
no verso possa unir o mystico ao profano!

Pois que lembras a um tempo aquella antiga Venus  
das ondas emergindo á luz da lua chéa,  
e o busto celestial da Virgem da Judéa  
no teu perfil hebreu e em teus olhos serenos.

Deixa que te enalteça em novas harmonias,  
ouve as notas do Amor no meu moderno plectro...  
—hallucinado espraio as minhas phantasias  
na indolencia da rima e no embalar do metro.

Oh cerulea mulher inconcebivel, casta,  
sublime criação do antigo estatuario!  
o teu limpido rosto avelludado afasta  
as loucuras da Carne, oh virginal sacrario!

Se te contemplo eu julgo atravessar o Lethes  
deslumbrado ao clarão d'umas supremas glorias!  
e que dôce visão nas sombras illusorias,  
se vejo fulgurar teus olhos—dois magnetes!

Como o accorde suave e triste dos *adagios*  
ouvindo a tua voz, que sinto em mim cantar,  
dos oceanos da Vida entre os crueis naufragios  
eu trago o coração suspenso em teu olhar!

Não posso comprehender este fervor que sinto,  
este dôce fervor que me impulsiona; e quero  
afirmar que és mulher, mas hallucino e minto:  
não sei se és deusa ou santa! eu sei que te venero!

Estranha apparição d'um sonho indefinido!  
mixto que não se exprime e em que minh'alma scisma!  
no teu sulco de luz todo o meu ser se abysma,  
como quem atravessa algum vergel florído!

Não posso descrever a placida bonança  
que verte no meu seio o teu semblante claro;  
uma aurora a romper—blasphemo se comparo!  
no firmamento azul d'uns olhos de creança!

Nem mesmo sei dizer o quanto me quebrantas,  
se lanças para mim teus olhos, como estrellas...  
bella como Aphrodite e pura como as santas  
que Sanzio debuxou nas delicadas télas!

E fico a imaginar, estrella humanisada!  
que é formado talvez teu lucido semblante  
de rendas e d'espuma ao luar crystallisada...  
é frio e luminoso assim como o diamante!

Ergui no coração o altar para adorar-te;  
quero voar, fugir, perder-me no infinito!  
inflamma-se d'amor todo o meu sêr contrito,  
visão que eu sinto em mim e vejo em toda a parte!

Não posso comprehender este fervor que sinto,  
este dôce fervor que me impulsiona; e quero  
affirmar que és mulher, mas hallucino e minto:  
não sei se és deusa ou santa! eu sei que te venero!

## O CRAVO MURCHO

Como um cravo que murcha debruçado  
n'uma jarra phantastica da China,  
junto a um abysmo, o coração magoado,  
para te vêr passar, todo se inclina.

O cravo morre á mingua, abandonado,  
sem vêr o sol e a estrella vespertina;  
o coração fenece encarcerado  
longe da luz que o teu olhar fulmina.

Mas como a flôr, banhando-a, reverdece,  
o coração, que uma esperança aquece,  
tambem se enflora n'um extremo ardor . . .

Vive um momento em sonhos embalado  
e morré como o cravo debruçado  
nos abysmos phantasticos do Amor . . .

## AS PEROLAS

ABRAÇADAS aos rochedos  
entre as algas e os coraes,  
ouvindo estranhos segredos  
no côro dos vendavaes,

nas grandes conchas prateadas  
vão-se as perolas coalhar,  
como as lagrimas choradas  
pela Aurora, sobre o Mar . . .



Assim no mar do meu peito  
que immensa angustia devora,  
se acaso apparece a aurora  
do teu olhar satisfeito,

esse limpido fulgor  
faz coalhar no coração  
com as lagrimas do Amor  
as perolas da Paixão! . . .

## CADENCIAS TRISTES

---

QUANDO a Morte vier serena e tenebrosa  
fechar sinistramente a minha bocca fria,  
quem me dera beijar á luz do extremo dia  
a curva do teu seio eburnea e setinosa!

Eu queria sentir nos ultimos arrancos  
da Vida, em pleno occaso, um derradeiro encanto:  
o chôro da saudade, a chuva do teu pranto  
cahindo gota a gota em meus cabellos brancos.

Mas se eu morrer em breve, oh triste coração!  
desejo que tu vás, de tranças desgrenhadas,  
lançar no meu caixão camelias orvalhadas  
com lagrimas d'amor, como recordação . . .

E apenas o coveiro estenda sobre mim  
a terra que me esconda, em lagrimas banhada,  
quero ouvir-te chorar, viuva desolada!  
como o rócio orvalhando as folhas d'um jasmin.

Depois, como lembrança, eu quero que tu vás  
lançar no meu sepulchro, em noites de luar,  
a suave carícia azul do teu olhar  
e arrancar-me do peito um ramo de lilaz.

Talvez que vá servir a esbranquiçada flôr  
que deves collocar n'um vaso cinzelado,  
—despertando em teu seio o coração golpeado—  
de posthumo alimento ao nosso extincto amor! . . .

## DIALOGOS NO OUTOMNO

---

1

**D**ISSE-LHE um dia ao vê-la pensativa  
olhando ao fundo o rio murmurante :  
— «Do teu olhar a luz serena e viva  
crystallizou-se em mim como um diamante.

Prendeu-se-me á existencia inteiramente ;  
hoje para arrancar esta paixão,  
como a pérola á concha alvinitente,  
é preciso esmagar o coração! . . . » —

Fitou-me. Estremeci. Então, sorrindo,  
disse não sei que falas amorosas...  
O sol morria no horizonte infundo,  
e eu vi tremer o calice das rosas...

## II

—«É tão sombria esta paisagem!» disse;  
e contemplando as arvores despidas,  
acrescentou:—«Que tardes commovidas!  
se por acaso a vida me fugisse...»—

—«Nunca mais te veria!»

—«Pouco importa!

Eu morreria, abandonando a vida,  
sem lamentar uma illusão perdida,  
sem lamentar uma esperança morta!»—

## III

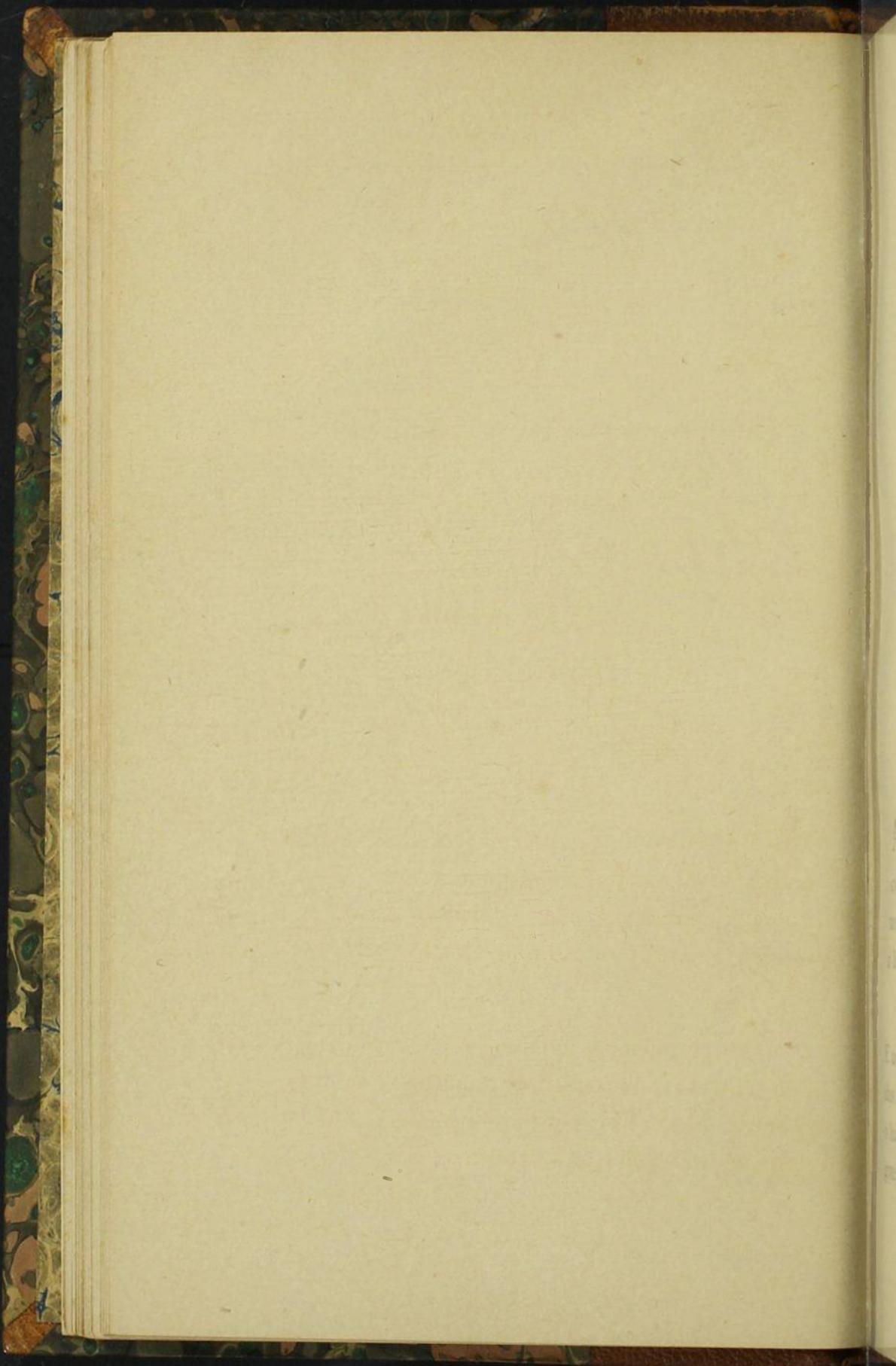
—«Estende um veu n'este sonhar desfeito.  
Adeus! Esquece o meu profundo amor...  
Se já lançou raizes no teu peito,  
soffre, por uma vez, mais esta dôr!

---

Como planta damninha e miseravel,  
antes que elle te envolva o coração,  
destroe o germen da cruel paixão  
e volve á antiga paz inalteravel!» —

Quando me disse imperturbavelmente  
estas palavras d'uma dôr tão viva,  
deixei cahir nas suas mãos, tremente,  
uma sentida lagrima furtiva...

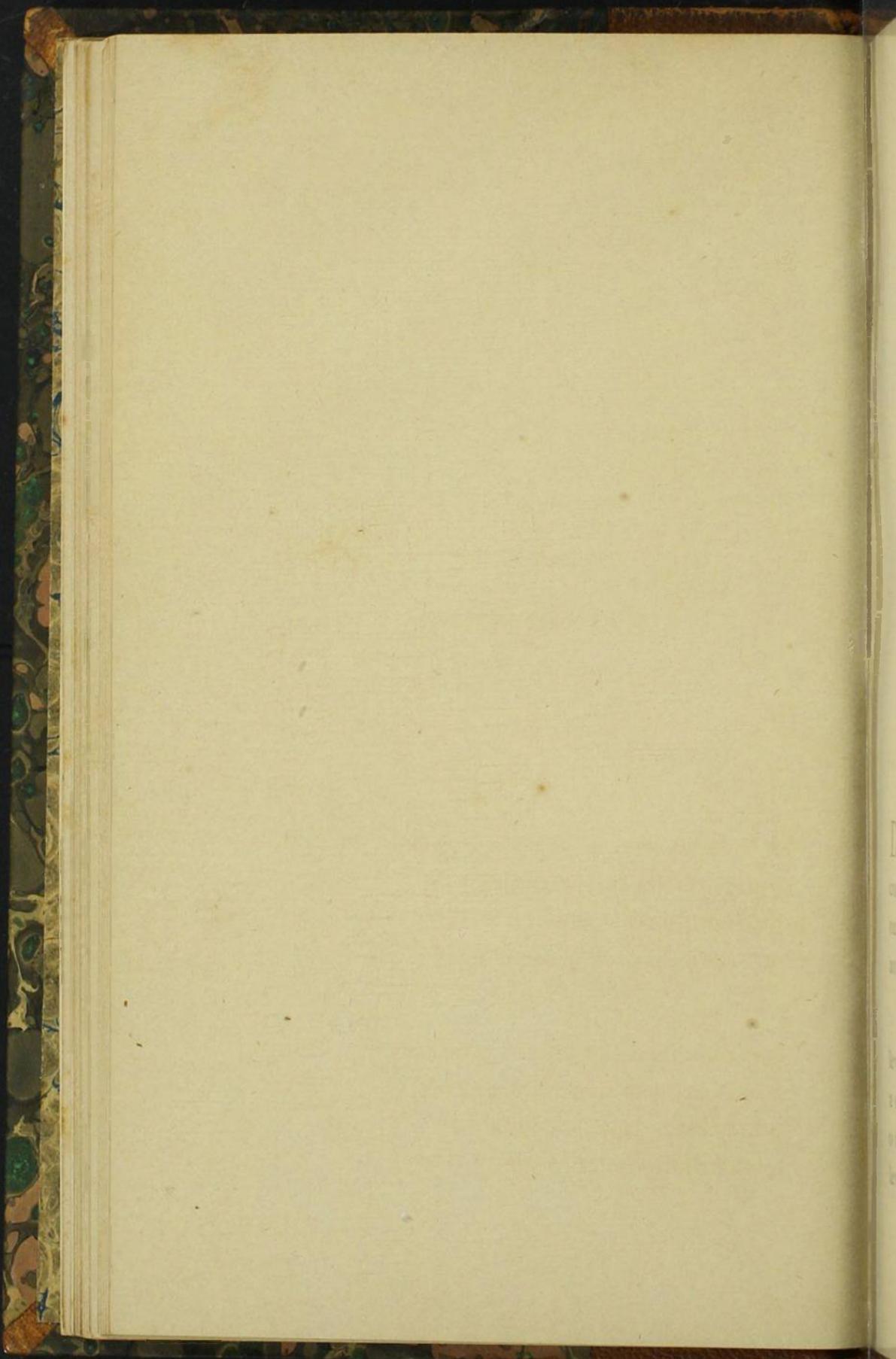
E desde então, como infernal prodigio,  
vivo remorso d'uma estranha acção,  
persegue-a em toda a parte esse vestigio  
do amargo pranto que lhe gela a mão!...



## IN EXTREMIS

Ao despedir-me, o «Adeus» sentido e amargo  
collou as nossas boccas sequiosas...  
no ceu profundo, silencioso e largo  
a lua erguia as pontas luminosas.

E ao desprender-me exanime e choroso  
dos seus abraços tragicos e augustos,  
o luar como um pranto luminoso  
gotejava das folhas dos arbustos...



## ILLUSÃO PERDIDA

---

DOCE illusão que foges perseguida  
como gazella timida e medrosa,  
ou como nuvem pelo ceu batida  
ao sopro de uma aragem silenciosa:

levas contigo, oh pomba gloriosa!  
a esvoaçar em busca de guarida,  
o meu amor, a desmaiada rosa!  
levas contigo o coração e a vida.

E nunca mais, no exílio onde agoniso,  
a melindrosa flôr do teu sorriso  
ha de ostentar as petalas vermelhas. . .

Mas na estancia feliz que eu não devasso,  
encontrarás meus beijos, pelo espaço,  
em busca de teus labios, como abelhas.

## MAGUA CELESTE

---

**C**ORREM as aguas limpidas do rio  
eternamente para o mar distante,  
como correm as lagrimas em fio

no teu cavado, livido semblante...  
E cada pranto deixa no seu rastro,  
formosissima pomba agonisante,

como que a esteira virginal d'um astro,  
que vem prender-se n'um collar d'estrellas  
ao teu formoso collo d'alabastro.

Que dôr sombria ou intimas procellas  
destroçaram a tua mocidade,  
creança irmã das timidas gazellas?

Que desgosto profundo ou que saudade  
cobre a tua existencia attribulada  
no luctuoso veu da soledade?

Soffro contigo, oh deusa abandonada  
como um arbusto na isolada fragua!  
A tua dôr é para mim sagrada.

Chorando-a com os olhos rasos d'agua,  
eu vou sentindo enraizar no peito  
a taciturna flôr da tua magua!

Soffro escutando o soluçar desfeito  
que te espedaça o coração dilecto  
—um mundo immenso e ao mesmo tempo estreito

para conter o teu grandioso affecto!  
E sinto allivio ao partilhar contigo  
a intensa magua, o teu pesar secreto!

Tu desprezaste o meu amor antigo  
n'uma frieza que me gela o ardor;  
mas a desgraça uniu, como castigo,

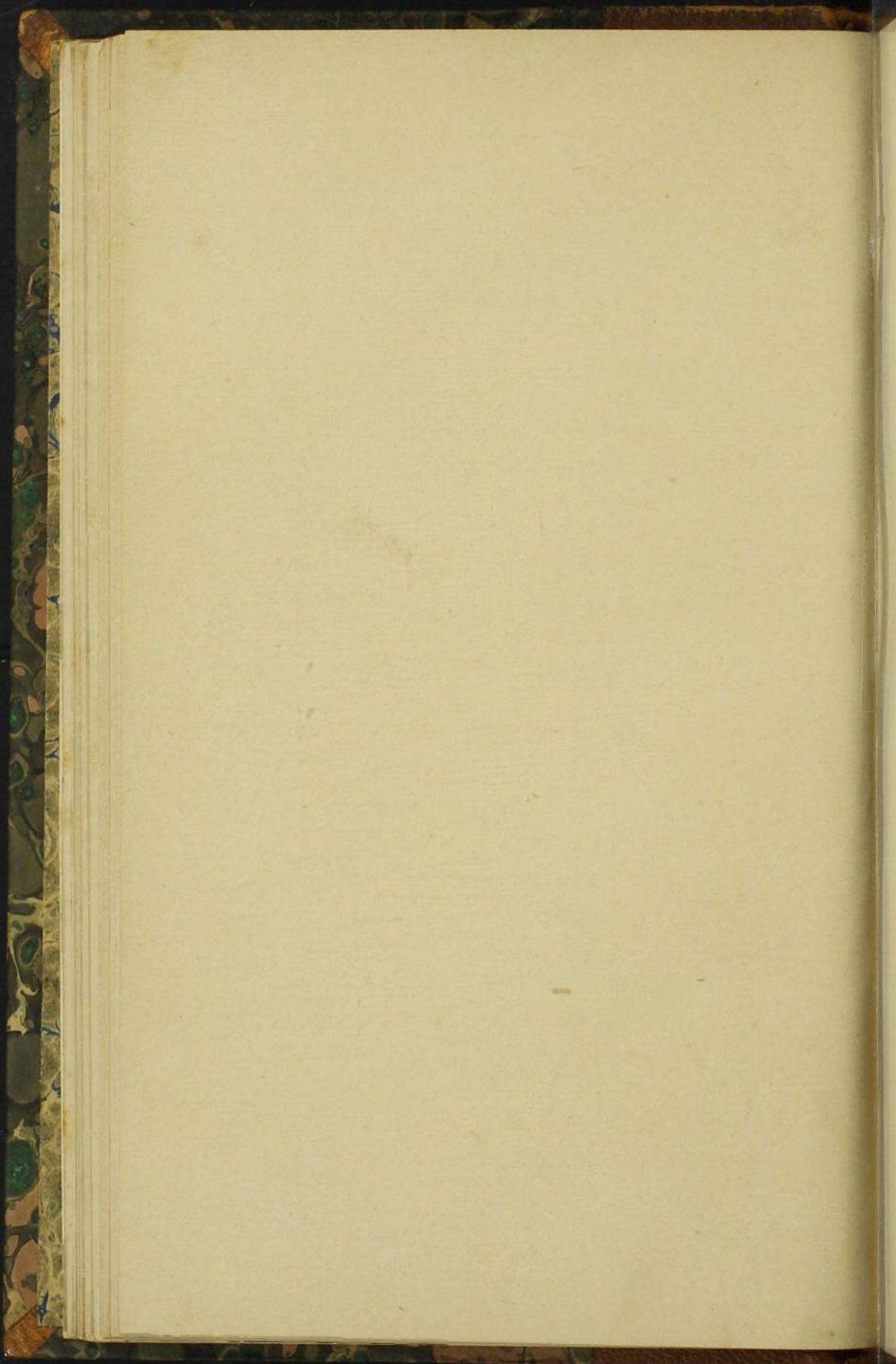
o teu destino e o meu na mesma dôr.  
Hoje choras alguém que te despreza,  
eu também choro o meu perdido amor!

De nada vale a singular belleza,  
de nada vale o affecto immenso e puro...  
Tudo succumbe na infernal tristeza!

Nubla-se ao longe no horisonte escuro  
a estrella que fulgiu no azul do espaço;  
morrem as crenças como um sonho obscuro!

Dá-me, chorando, o sacrosanto abraço,  
na tua immensa dôr, triste e mesquinha,  
como se fosse um mysterioso laço...

Bem dita seja a dôr gemea da minha!



MADRIGAL FUNEBRE

Como um astro fulminado  
n'um soffrimento desfeito,  
sentes o corpo gelado,  
o corpo branco e perfeito.

E a negra desillusão,  
como um lirio n'uma rocha,  
tristemente desabrocha  
dentro do teu coração.

Nas tuas intimas penas  
—quando as estrellas dormentes  
choram nas aguas serenas  
lagrimas phosphorescentes—

tua alma despedaçada  
no mais algido abandono,  
é como a lua do outomno  
pelas marés embalada.

E n'estes fundos escolhos  
a espr'ança que me seduz,  
é lêr as cartas de luz  
escriptas pelos teus olhos.

Deves lutar com a Morte,  
oh minha pomba ferida,  
que eu temo perder a vida  
vendo fugir o meu norte!

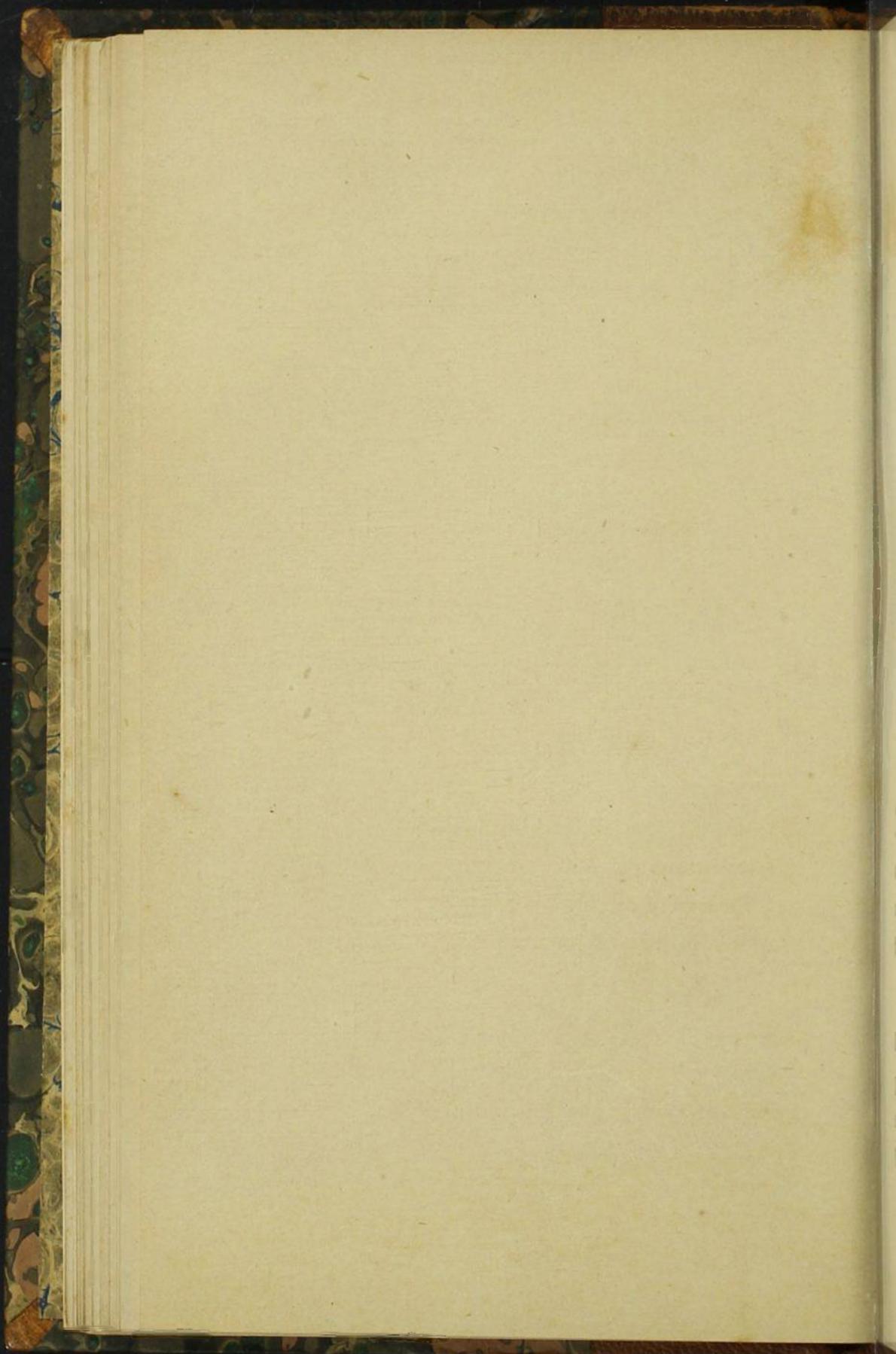
Cada instante que decorre  
é para mim, desgraçado!  
um desejo assassinado  
ou uma illusão que morre.

Tenho as palpebras enxutas,  
mas o riso contrafeito  
encobre as intimas luctas  
que me destroçam o peito.

Se morres, e eu não succumbo,  
guardarei esta paixão  
em um feretro de chumbo  
feito do meu coração...

Teus restos serão levados  
na aza immensa do sul,  
—que os anjos são enterrados  
nas transparencias do azul!

Mas n'este viver d'abrolhos,  
se o teu soffrer não se acalma,  
ponho em farrapos a alma  
para limpar os teus olhos...



ROSA BRANCA

---

Sonho ou chimera, na illusão divina  
que ao mundo alado o coração transporta,  
aquella rosa pallida e franzina,  
branca, tão branca, parecia morta . . .

Planta que o frio da existencia inclina,  
pomba que foge ao seu paiz . . . Que importa ?  
sonho ou chimera, na illusão divina,  
branca, tão branca, parecia morta . . .

Mesmo acordado ou vendo-a com tristeza  
nas molduras do sonho e da incerteza,  
que a phantasia em pleno azul recorta,

sempre na immensa dôr que me fulmina,  
aquella rosa pallida e franzina,  
branca, tão branca, parecia morta . . .

EM FRENTE DO ESQUIFE

---

Como expressão de casta singeleza,  
n'essa cabeça fina e sonhadora,  
brilhava aquella graça encantadora  
que é mais formosa ainda que a belleza.

Alma simples, ingenua e scismadora,  
como um luar extinto de surpresa,  
fugiste immersa em nimbos de tristeza  
talvez levada no esplendor da aurora...

---

E ao vêr-te, branca e fria, sobre o esquife,  
— como a onda quebrada no recife  
se desfaz em espuma alvinitente —

destruída a illusão, que foi meu norte,  
eu queria viver, vencendo a Morte,  
só para te chorar eternamente . . .

## CASTELLO EM RUINAS

---

**M**EU triste coração, como um castello antigo,  
que a legenda vestiu de espectros e visões,  
a lembrança do tempo em que sonhou contigo  
sustenta-o como a hera ás velhas construcções,  
meu triste coração, como um castello antigo . . .

De noite, quando o orvalho os lirios humedece,  
como se a lua andasse e os astros a chorar,  
nas sombras da ruina affirmam que apparece  
uma estranha visão de alvura singular,  
de noite, quando o orvalho os lirios humedece.

Semelhante á visão que no castello existe,  
tambem no coração, rasgado pela dôr,  
eu sinto perpassar, no seu sudario triste,  
o espectro sepulchral do meu perdido Amôr,  
semelhante á visão que no castello existe. . .

PALLIDA E LOIRA

---

MORREU. Deitada no caixão estreito,  
pallida e loira, muito loira e fria,  
o seu labio tristissimo sorria  
como n'um sonho virginal desfeito.

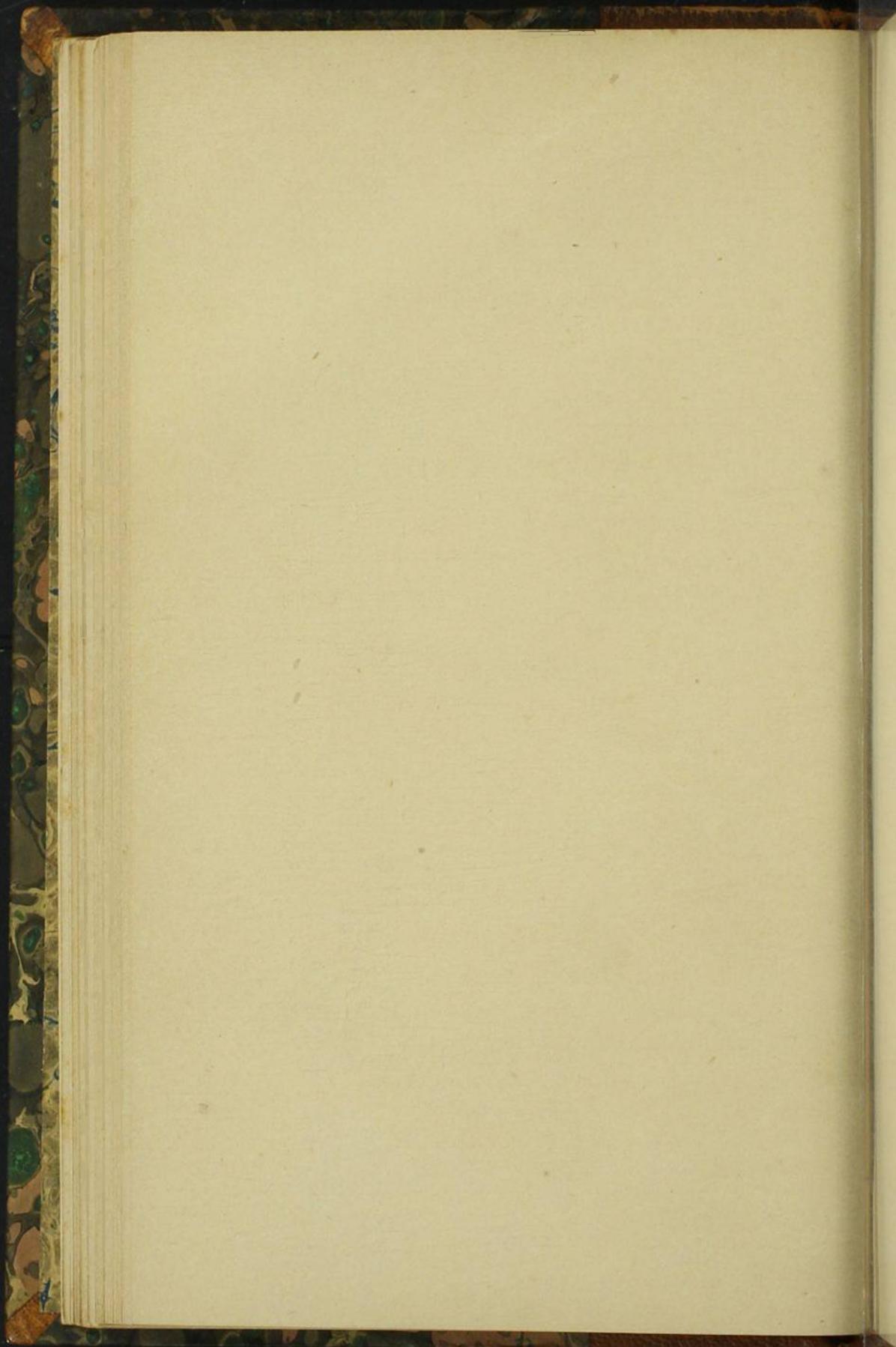
— Lirio que murcha ao despontar do dia,  
foi descansar no derradeiro leito,  
as mãos de neve erguidas sobre o peito,  
pallida e loira, muito loira e fria . . .

Tinha a côr da rainha das balladas  
e das monjas antigas maceradas,  
no pequenino esquife em que dormia . . .

Levou-a a Morte em sua garra adunca!  
e eu nunca mais pude esquecel-a, nunca!  
pallida e loira, muito loira e fria . . .

## ULTIMA NOTA

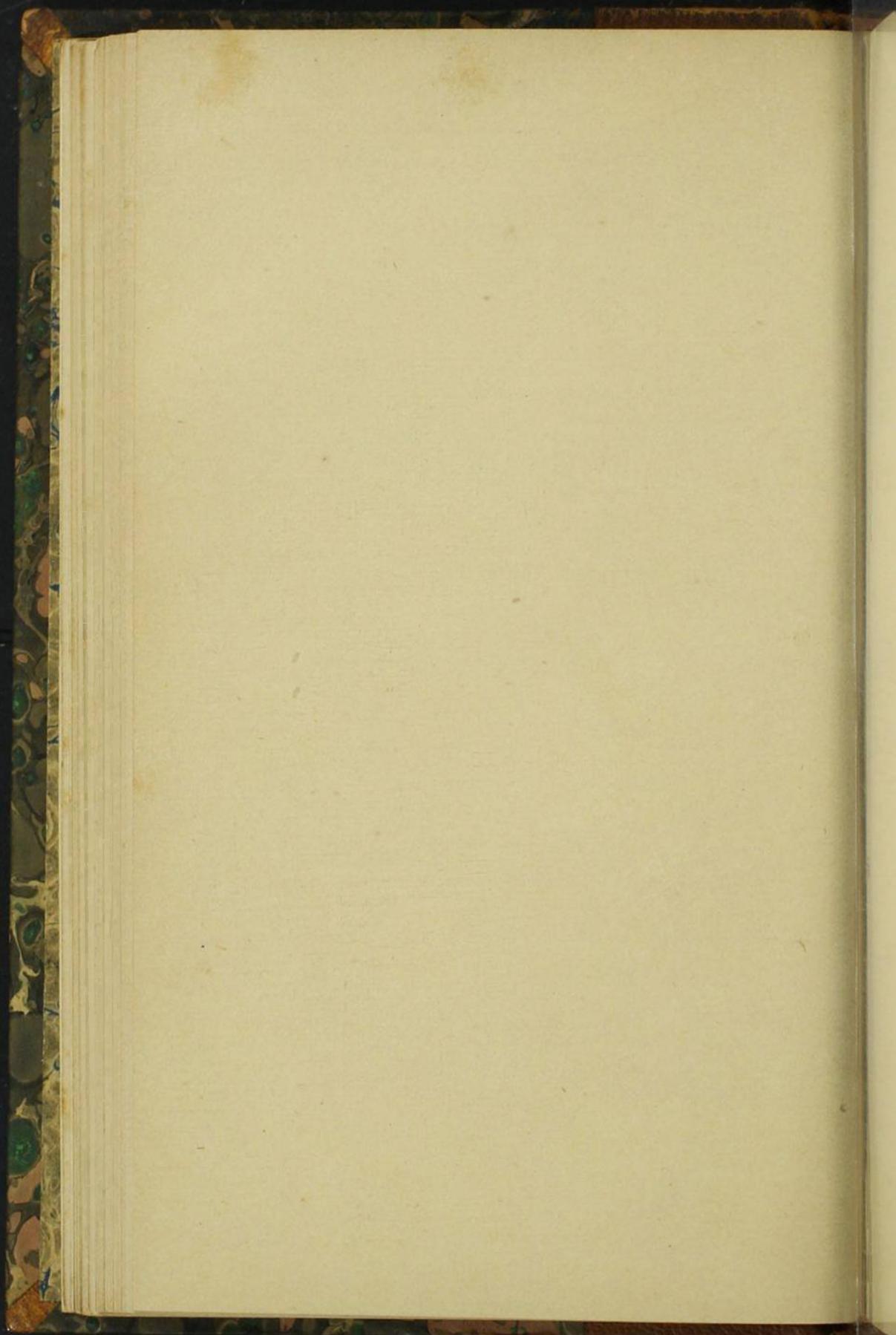
SE os teus olhos ideaes fendidos em amendoa  
poisassem, como poisa a aza d'um insecto,  
nas paginas que fiz no meu retiro obscuro . .  
meu amor! meu amor! toda a paixão desvendo-a  
n'estas canções moldando o teu perfil correcto,  
immortalmente casto, immortalmente puro . . .



LIVRO SEGUNDO

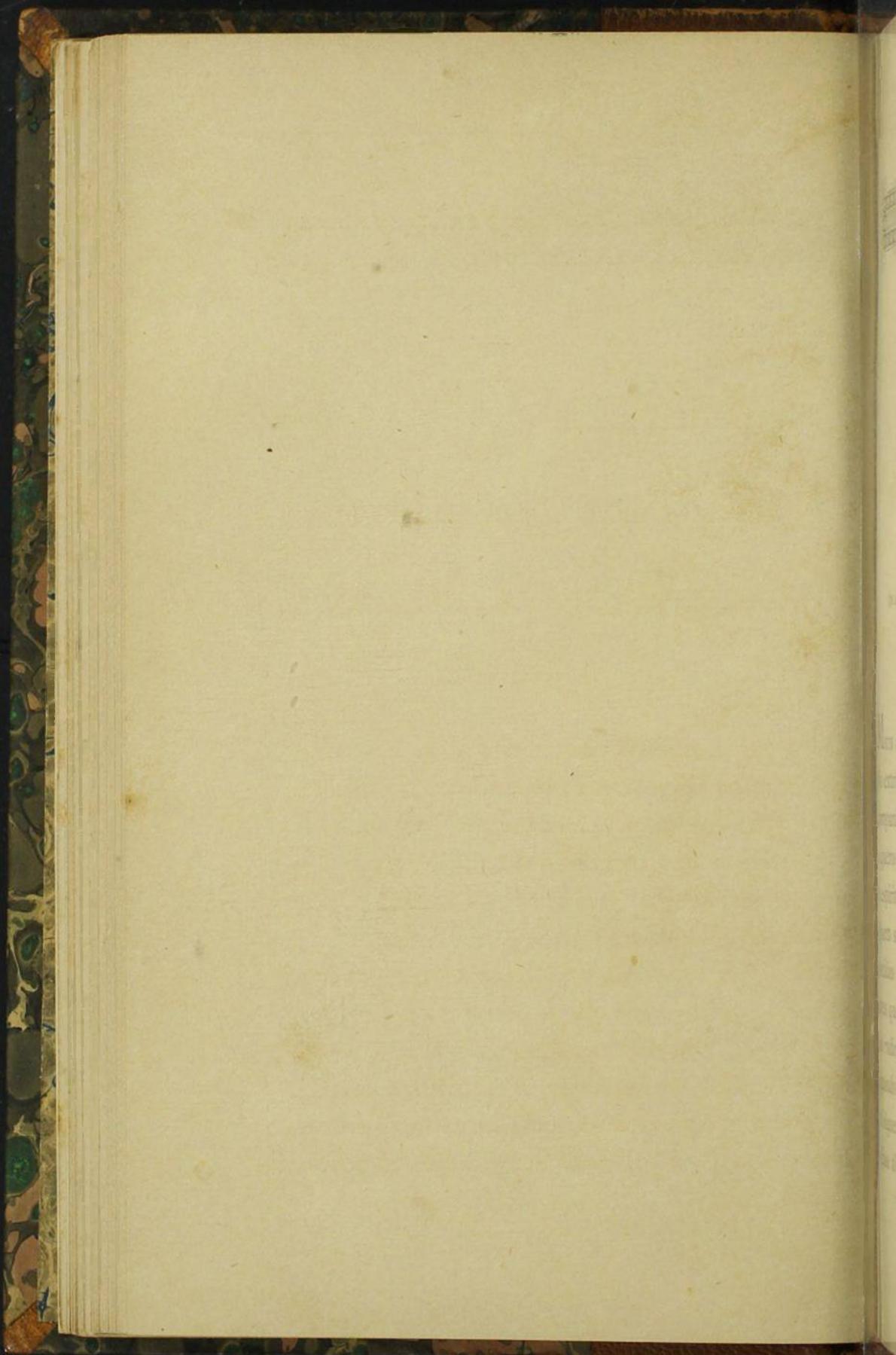
*Comme un collier qui s'égrène . . .*

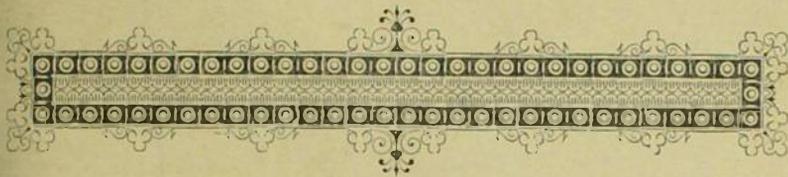
(THEOPH. GAUTHIER.)



AO MEU AMIGO

A. RODRIGUES BRAGA





## AOS MEUS CONDISCIPULOS

(NA DESPEDIDA DOS QUINTANISTAS DE DIREITO)

**M**EUOS amigos, ouvi este sentido adeus!  
Na extrema despedida eu lembro-me dos meus  
companheiros leaes, companheiros d'outr'ora,  
e quero dilatar o coração que chora,  
o espirito que soffre a angustia da saudade...  
Quem sabe aonde ireis, aves da mocidade,  
batidas pelo vento horrivel do destino,  
aves que desprendeis o vôo peregrino  
na radiosa expansão das vossas alegrias,  
quando eu escuto ao longe as enxadadas frias  
d'alguem que anda enterrando as vossas illusões.  
Esse alguem — a Saudade — entrou nos corações,

e na angustia infernal que nos contorce e opprime,  
persegue-nos depois como o remorso ao crime  
pela estrada que leva ás sombras do ataúde.  
Meus amigos, dizei á vossa juventude  
o derradeiro adeus, o adeus da despedida...  
Se eu junto á vossa festa a nota commovida,  
no *allegro* do prazer o *adagio* da tristeza,  
os occasos do sol, com pompas de realeza,  
annunciam tambem a noite e a escuridão...  
Brotam flôres ao pé das guelas do vulcão;  
tambem o riso encobre a dôr que o peito esmaga...

Contraste immenso e augusto! A primavera alaga  
as montanhas, e alastra as rosas pelo prado,  
n'um diluvio de luz, como um feliz noivado,  
sob o limpido veu da cupula celeste...  
Mas ao longe destaca o vulto do cypreste  
a apontar, a apontar a solidão profunda,  
e na grande alegria etherea que circunda  
a Natureza eu vejo um ponto escuro e torvo:  
ao lado do albatroz o avoejar do corvo...  
depois da calmaria as penhas do Recife!  
A nossa vida é assim: o berço ao pé do esquife,  
gargalhadas na dôr e lagrimas no riso...  
Nas grandes expansões rebenta d'improviso

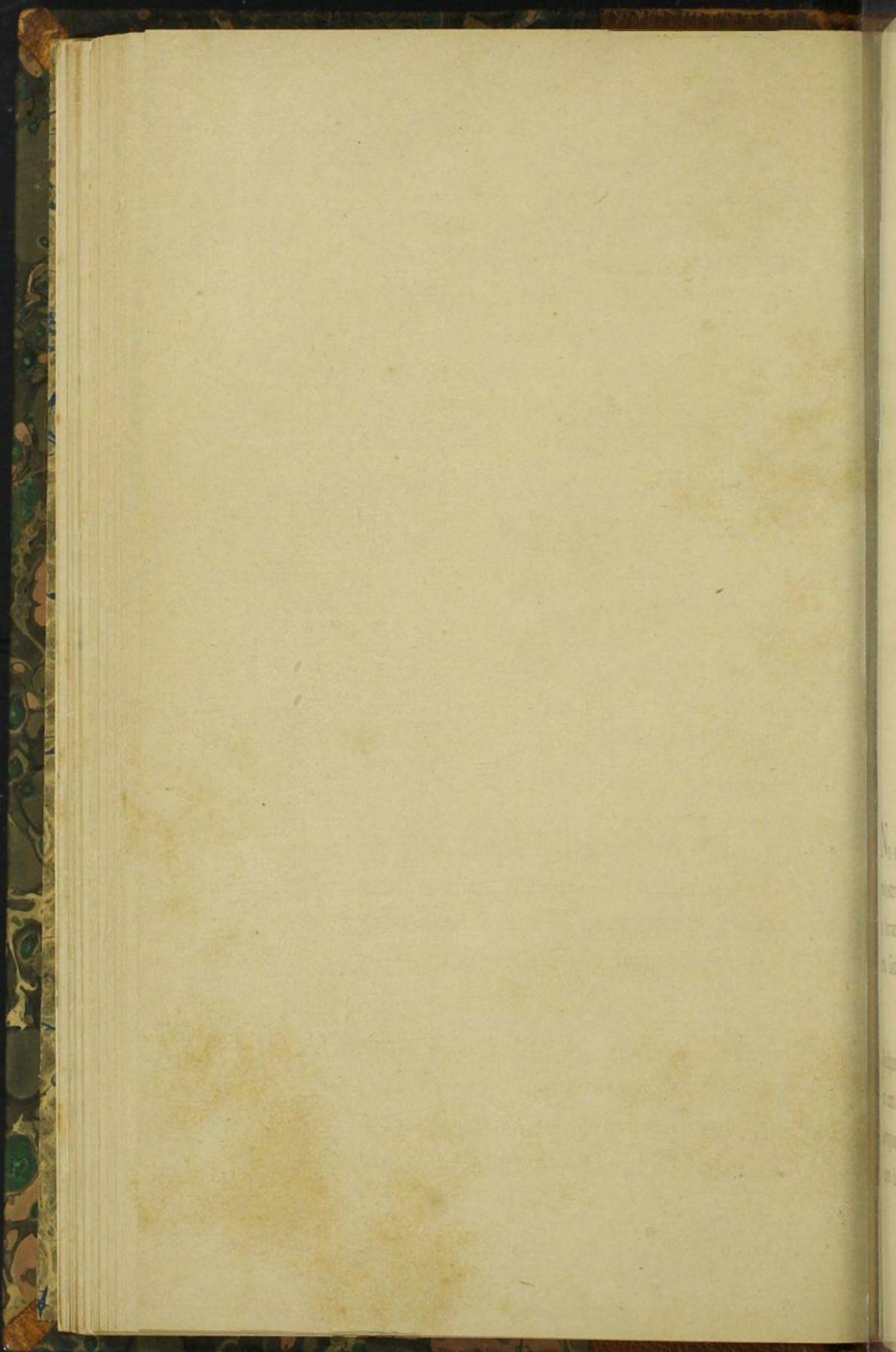
a nota aguda e viva e triste da Saudade,  
como nuvem cobrindo o azul da immensidade  
no crepe luctuoso e enorme da tristeza...

E assim, a batalhar nas ancias da incerteza,  
como o Fausto da lenda antiga da Allemanha,  
galgamos da existencia a colossal montanha,  
saudando a luz, saudando a fé, saudando a vida,  
nos olhos virginaes da estranha Margarida,  
a tulipa azulada a que chamaes Espr'ança!

É triste o nosso adeus!... doidices de creança,  
sonhos da mocidade, em bandos como abelhas,  
já tudo se escondeu n'essas batinas velhas  
cerrando para sempre o olhar augusto e vivo...

Eu, vendo-vos partir, absorto e pensativo,  
ao peso da saudade atterrador succumbo,  
como quem leva ao hombro um feretro de chumbo,  
como quem sente n'alma um pesadelo horrendo  
e vae a pouco e pouco ao tumulo descendo...

E no amplexo final, convulso, exangue, afflicto,  
eu, a quem vós deixaes tão só como um proscripto,  
que na areia, onde o sol em jorros espadana,  
ao vêr partir os seus na alegre caravana  
ficou como um escravo e os miseros refens,  
eu, que não tenho Mãe, saúdo as vossas Mães!...



## FLORES DE CARNE

---

I

LAÏS

No soberbo coxim de flaccidos adornos,  
mostrava, adormecida em sonhos ineffaveis,  
a brancura marmorea, as curvas impeccaveis  
na linha esculptural dos nitidos contornos.

Julgava-se embalada entre formosas dryades,  
n'um leito de jasmims, como visão phantastica,  
expondo o seio nú d'uma firmeza elastica  
em languido abandono aos labios d'Alcibiades...

Na indolencia nervosa, após o sonho extinto,  
um fauno esculpado em bronze de Corinto  
impassível contempla a tenebrosa flôr...

Na abobada resôa um côro d'hetairas...  
e ao entrar no festim, ao scintillar das pyras,  
parecia cuspir na Estatua do Pudôr!

## II

## LESBIA

A Lesbica está sentada a uma janella. Sonha,  
abysmada e perdida em placido lethargo...  
Ao longe, no poente, o sol sincero e largo  
afaga o seu perfil d'uma expressão tristonha.

Velou-se no futuro a estrella romanesca...  
O Poeta gentil da inspiração risonha  
abandonou-a, a rir, n'uma expansão medonha,  
como quem lança á rua uma camelia fresca.

Ergueu-se da janella; e a velha taça etrusca  
bebeu, triste e chorosa... A embriaguez offusca  
se o coração repousa e o pensamento é nullo.

Mas a Lesbia deitada em purpuras da Asia  
sentiu-se fulminada, ebria e felina Aspasia,  
no raio abraçador dos beijos de Catullo!

## III

## SANTA THEREZA DE JESUS

O clarão d'uma lampada esbatido  
n'este silencio mystico e sagrado,  
inunda o Christo de marfim pregado  
n'uma cruz de vinhatico esculpido.

De joelhos, erguendo o olhar dorido  
para o Christo severo e amargurado,  
a Esposa do Cordeiro Immaculado  
perdia-se n'um sonho indefinido...

E assim, pensando que Jesus baixava,  
julgando que em seu peito se abysmava  
n'um extasis que as almas confundia,

— como um bafejo que uma rosa afaga,  
sentia na volupia em que se alaga,  
um beijo casto como a luz do dia...

## IV

## RIGOLBOCHE

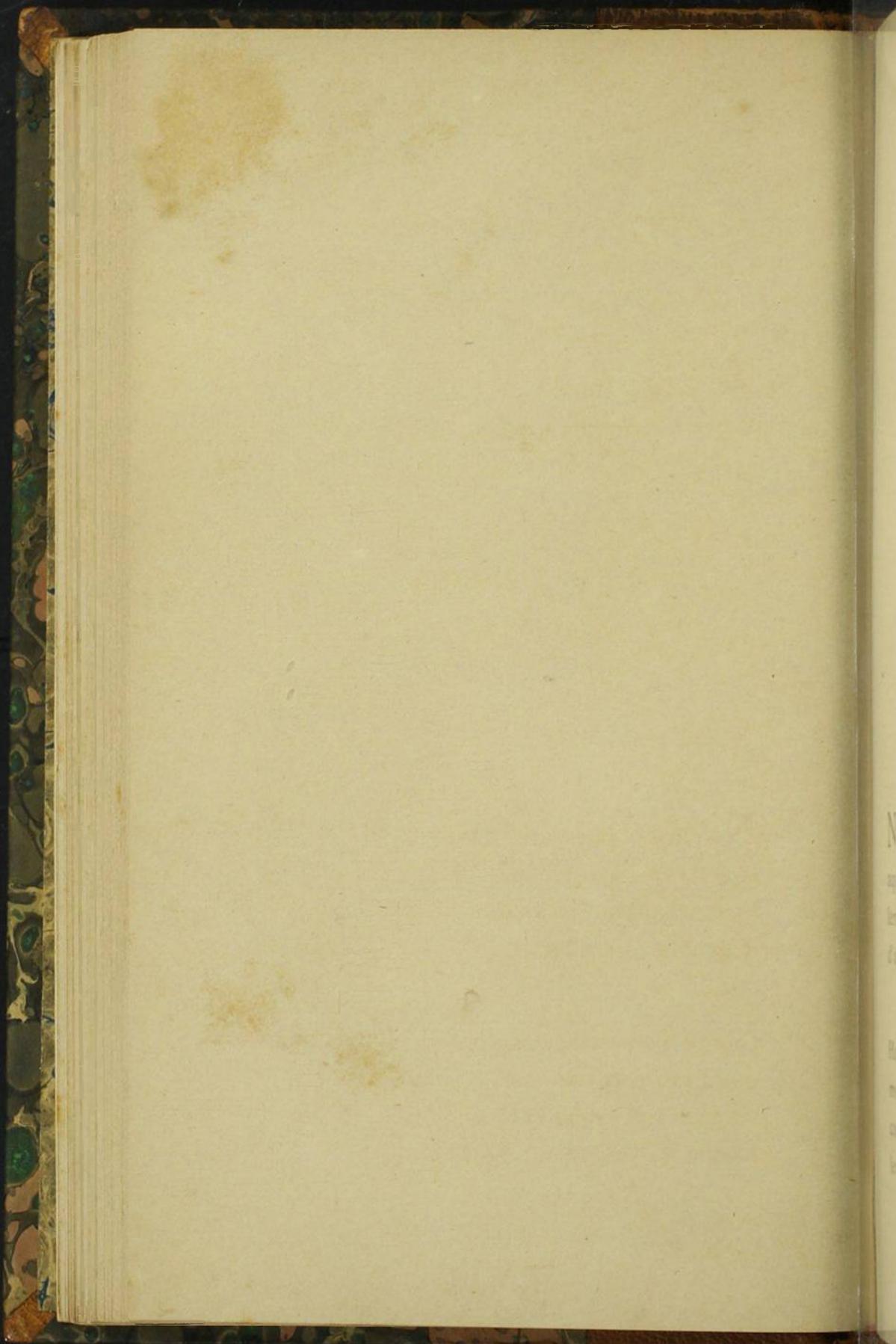
Ao sol do *boulevard* n'um reverbéro indomito  
surgiu a estranha flôr que as illusões desmaia...  
sublime podridão arremessada á praia  
da onda social no prodigioso vomito.

Que soberbo perfil! Se o genio se transforma,  
e Praxiteles visse a maravilha rara,  
empunhando o cinzel, do marmore arrancára  
o assombro da Esculptura, as perfeições da Fôrma!

---

Escurece e deslumbra a decadencia em Roma,  
as noites de Suburra e os vicios de Sodoma,  
a Aspasia do *Mabille*, a Venus Rigolboche...

Metallica visão das noites de mysterio,  
se um dia a possuísse um esculptor do Imperio  
teria concebido a Estatua do Deboche!...



QUADRAS Á VISINHA

---

I

NA altura onde passa a vida,  
aquella rosa em botão,  
lembra uma estrella cahida  
d'alguma constellação.

Habita n'uma trapeira,  
mora tão perto do azul,  
como a andorinha ligeira  
levada no vento sul.

Na preciosa moldura  
da sua larga janella,  
como a hieratica figura  
d'antiquissima téla,

ao vêl-a risonha e branda,  
com timidez de violeta,  
penso n'aquella varanda  
onde scismou Julieta . . .

E fitando horas inteiras  
a sua janella verde,  
toda a minh'alma se perde  
no azul das suas olheiras.

Mas como a fé se renova  
no suavissimo quebranto,  
julgo achar a *boa nova*  
no baptismo do seu pranto.

E na paixão que devora  
a minha existencia inteira,  
eu invejo a trepadeira  
que a sua janella enflora . . .

## II

Ouvi dizer a um poeta:  
«Nem me atrevia a beijal-a!  
Receio que a borboleta  
macule as azas d'opala...

Para tecer-lhe um idyllio,  
eu peço ás musas do Lacio  
toda a graça de Virgilio,  
todo o espirito d'Horacio...

E um pintor que mora em frente,  
vendo o modelo que o salva,  
chamou-lhe artisticamente  
—visinha da Estrella d'Alva!

E cheio d'intima fé,  
sem exaggeros, dizia:  
«Mimi Pinson que valia  
se a visse Alfred de Musset?...»

No meu delirio amoroso  
pergunto se ella nasceu  
d'um connubio mysterioso  
realizado no ceu...

ou da lagrima da aurora,  
cahida em noite serena  
no calix d'uma açucena  
que desfallece e descóra...

E n'um extasis profundo,  
murmuro commigo, ao vê-la:  
Talvez que seja uma estrella  
que ande exilada no mundo!

## TRAGEDIA SIMPLES

(THEMA D'HARTZENBUSCH)

---

Ao Dr. Sousa Gomes.

PASSEI um dia ás portas da officina,  
e vi-o a trabalhar com todo o esmero  
n'aquella obra artistica e divina.

De olhar sereno, placido, sincero,  
o pobre carpinteiro,  
gastava o seu engenho e o seu cuidado  
modelando o contorno derradeiro  
para o leito feliz do seu noivado...

Todas as vezes que eu alli passava,  
olhando e vendo-o a trabalhar, dizia:  
—«Quem me dera sentir essa alegria  
no meu escuro e procelloso abril!»—  
E o carpinteiro a ouvir cantarolava  
alegremente uma canção pueril.

Tempos depois na murmura officina,  
o pobre carpinteiro,  
já não tinha o sorriso prazenteiro,  
a alegria invejavel e divina  
que tinha outr'ora quando a gente o via...

Que intensissima dôr triste e sombria  
assim deixava o seu porvir desfeito?  
—Gastava o seu engenho e o seu cuidado  
n'aquella obra—o derradeiro leito  
da sua noiva que morreu, coitado!...

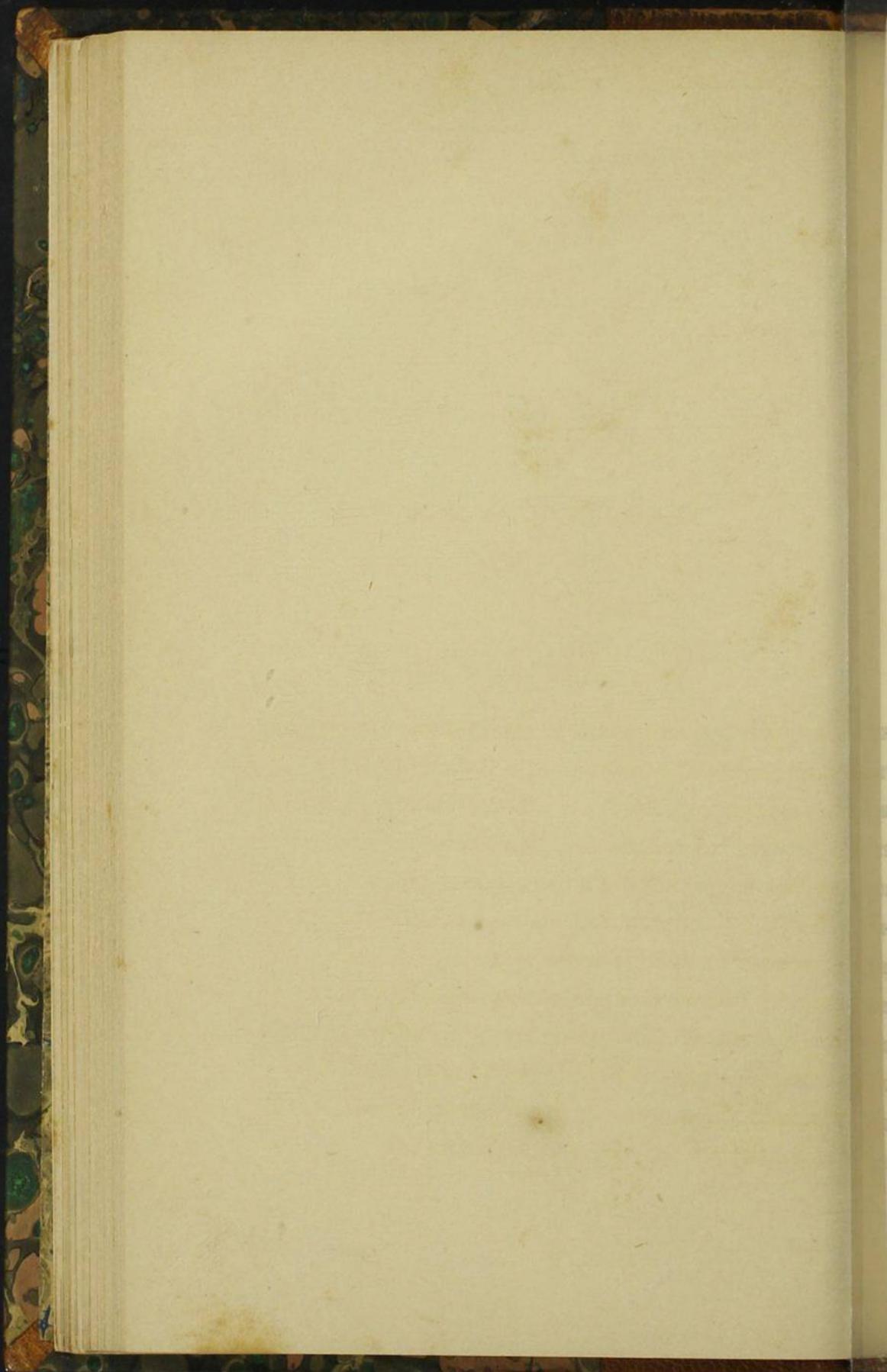
MADRIGAL EXCENTRICO

(J.)

---

D'AQUI, d'estas longes terras,  
para que o Estro se encarne,  
a ti, que no corpo encerras  
as harmonias da Carne,

na aza dos vendavaes  
envio um beijo tão longo,  
que as boccas, duas vogaes,  
possam formar um dithongo!



ECCE VINDICTA MEA

---

INSULTAS-ME, e eu recebo o insulto como um premio.  
O poeta varonil, o scismador, o bohemio,  
que passa a noite immensa a contemplar os astros,  
ao vêr surgir o sol, atira-se de rastros,  
fitando anciosamente a aurora que o cegou,  
e vinga-se... adorando a luz que o fulminou.  
Eu vingo-me tambem como se vinga o poeta,  
ou como a sombra expondo as folhas da violeta  
á mesquinhez da luz que nunca a foi beijar.  
Eu vingo-me tambem como se vinga o luar  
da infinda escuridão — correndo atraz do sol.  
Mas o luar não tem os brilhos do arrebol,

a sombra é taciturna e socegada e triste,  
e o poeta varonil, se por acaso existe,  
não sou eu, certamente, esse mortal ditoso,  
que cegou contemplando o teu olhar gracioso.  
E assim, para a vingança, eu penso que é preciso,  
como o Archanjo que Deus lançou do Paraizo,  
morder o pó, beijar a terra que tu pisas,  
colher a tua voz no turbilhoar das brizas,  
seguir, como um cometa, a esteira de teus pés,  
ser onda e vir lavar na espuma das marés  
a nodoa que deixei onde meus olhos puz . . .

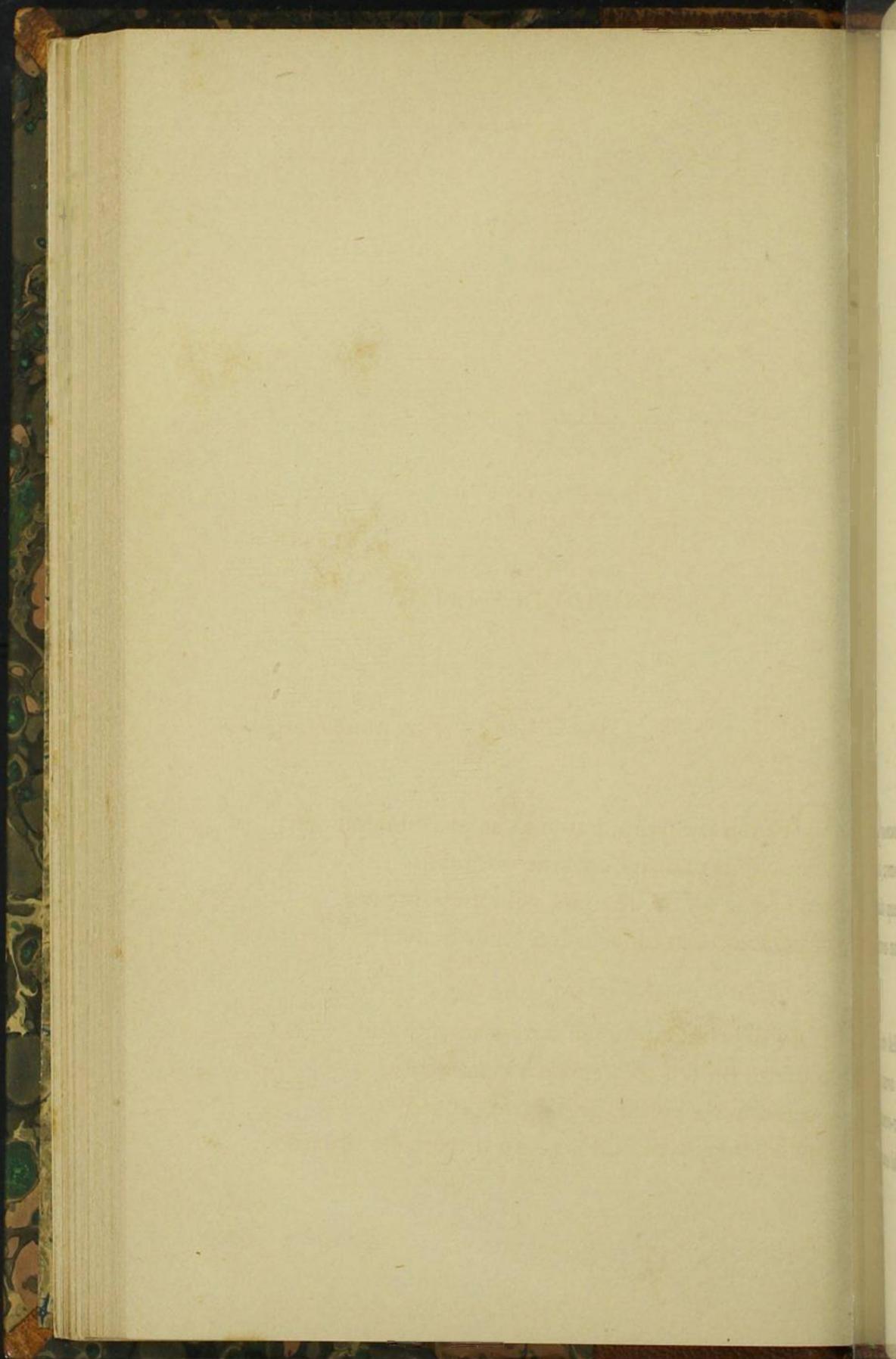
É como Satanaz se vinga de Jesus!

DISTICO

---

SE o teu olhar gracioso e negro d'azeviche  
em caricias de luz o rosto me envolvia,  
algava adormecer no tepido beliche  
em um navio parado, ha muito, em calmaria...

---



## SONHO DESFEITO

---

A Alfredo Guimarães.

QUANDO o Sonho, batendo as azas doidamente,  
vôa, como phalena errante, no infinito,  
cuido que ao pé de mim, voluptuosamente,  
cravas no meu olhar o teu olhar bemdito.

E no delirio em que eu nervosamente fito  
a curva do teu seio elastico e tremente,  
atrevo-me a poisar, nostalgico proscripto,  
meus labios sem pudôr sobre o teu collo ardente.

Mas como o vento espalha as humidas neblinas,  
diluidas no vapor das nevoas matutinas  
a chimera, a illusão de estranho visionario,

vejo que o teu sorriso, oh casta Margarida!  
apenas me envolveu, luar da minha vida,  
no tepido clarão d'um beijo imaginario!...

## SOBRE O RIO THCHÚ

(DO POETA CHINEZ THU-FÚ)

---

O MEU barco desliza mansamente  
sobre as aguas do rio...  
Eu vou fitando a murmura corrente.

Muito longe, no azul extenso e frio,  
correm as nuvens silenciosamente...

O ceu está nas aguas; quando passa  
uma nuvem e encobre o olhar da lua,  
vendo no rio a sombra que perpassa,  
cuido que o barco pelo azul fluctua!...

---

E sonho então,  
com a mente em chimeras embalada,  
que também no meu doido coração  
docemente se espelha a minha amada!...

## MEUS SOBRINHOS

---

A meus irmãos.

Como os pequenos palhaços,  
o mais novito — coitado!  
ensaia os primeiros passos  
n'um equilibrio arriscado.

Como não falla é preciso  
cada instante adivinhar  
o que elle traduz no riso,  
o que revela no olhar.

Por isso, ao vél-o parado  
como quem pensa e medita,  
espero, todo enleiado  
n'uma anciedade infinita,

que depois d'essa vigilia  
chegue o dia em que dirá,  
d'esta epopêa — a Família —  
a grande estrophe — Papá. —

\*

\* \*

O mais velho é um rapagão  
forte, sadio, palreiro:  
— um Hercules de babeiro  
que já não teme o papão.

É mesmo um vivo demonio!  
Gaiato equal nunca vi!  
Zangado, chama-me o Antonio,  
se faço as pazes — titi.

E a dizer coisas facetas,  
quando me pilha sentado,  
vem pôr-me um chapéu armado  
feito de velhas gazetas.

Às vezes, vendo-o correr  
pelos extensos vallados,  
— como não posso conter  
os olhos, d'extasiados —

perco a minha gravidade,  
vou agarral-o, depois,  
ponho-me logo á vontade,  
e vamos saltar os dois.

Feito o accôrdo, principio  
a brincar tão doidamente,  
que elle é quem parece o tio,  
eu, a criança innocente.

\*

\* \*

Eu quero muito aos rapazes;  
gosto de vê-los assim,  
frescos, da côr dos lilazes,  
com gradações de carmim.

Gosto de vê-los brincar  
entre lírios e violetas,  
como um par de borboletas  
que inda não sabem voar.

Que mundo aqui se resume!  
Eu penso, ao vê-los, que sou  
um velho, que enfim assume  
toda a alegria do avô!...

## HOROSCOPO

---

A Alfredo Paçò Vieira.

**D**EIXEMOS florescer, bizarra creatura!  
os nossos corações em plena mocidade;  
o Amor ha de brotar cheio d'alacridade,  
como a aurora inundando a nossa alcova obscura.

Vestidos d'alegria e cheios d'anciedade  
iremos percorrendo esta existencia escura,  
a sonhar com a paz d'uma região mais pura,  
immensa como a Noite e como a Claridade.

Que ao declinar da Vida, estatua vaporosa!  
quando o outomno murchar a derradeira rosa  
da nossa juventude,—envelhecido, exangue,

eu, que já respirei o aroma do teu sangue  
ao depôr-te no collo um beijo longo e amado,  
talvez te odeie, oh flôr augusta do Peccado!

## A RESSURREIÇÃO DE TABITHA

---

A Antonio Henriques da Silva.

*Petrus ponens genua, oravit: et conversus ad corpus, dixit: Tabitha, surge.*

(ACT. AP., Cap. x, v. XL.)

No paiz de Lyddá S. Pedro apostolava em nome de Jesus. Á solitaria aldeia vinham para escutal-o os povos da Judeia e as multidões de Jáffa. O Apostolo fallava

da Virtude, do Amor, da Paz, da Caridade. Na voz tinha uma tal doçura e suavidade,

que a multidão pasmada ouvia-o recolhida,  
a descerrar o veu das coisas transcendentas,  
como a voz que fallara ás pervertidas gentes  
da eminencia da cruz, sobre uma rocha erguida.

—«Sêde justos! bradava, o premio está na Cruz!  
no perdão que roçara o labio de Jesus!»—

E quando descrevia as grandes agonias,  
que vararam o peito ao Redemptor do Mundo,  
feria a multidão como um remorso fundo,  
e enchiam-se de pranto os olhos das judias...

Vieram-lhe dizer, n'um dia em que prégava,  
que a santa de Joppé, Tabitha, agonisava...

S. Pedro caminhou profundamente absorto,  
como um propheta a quem o pensamento abraza,  
e silencioso entrou na solitaria casa,  
onde a miseria achava o desejado porto...

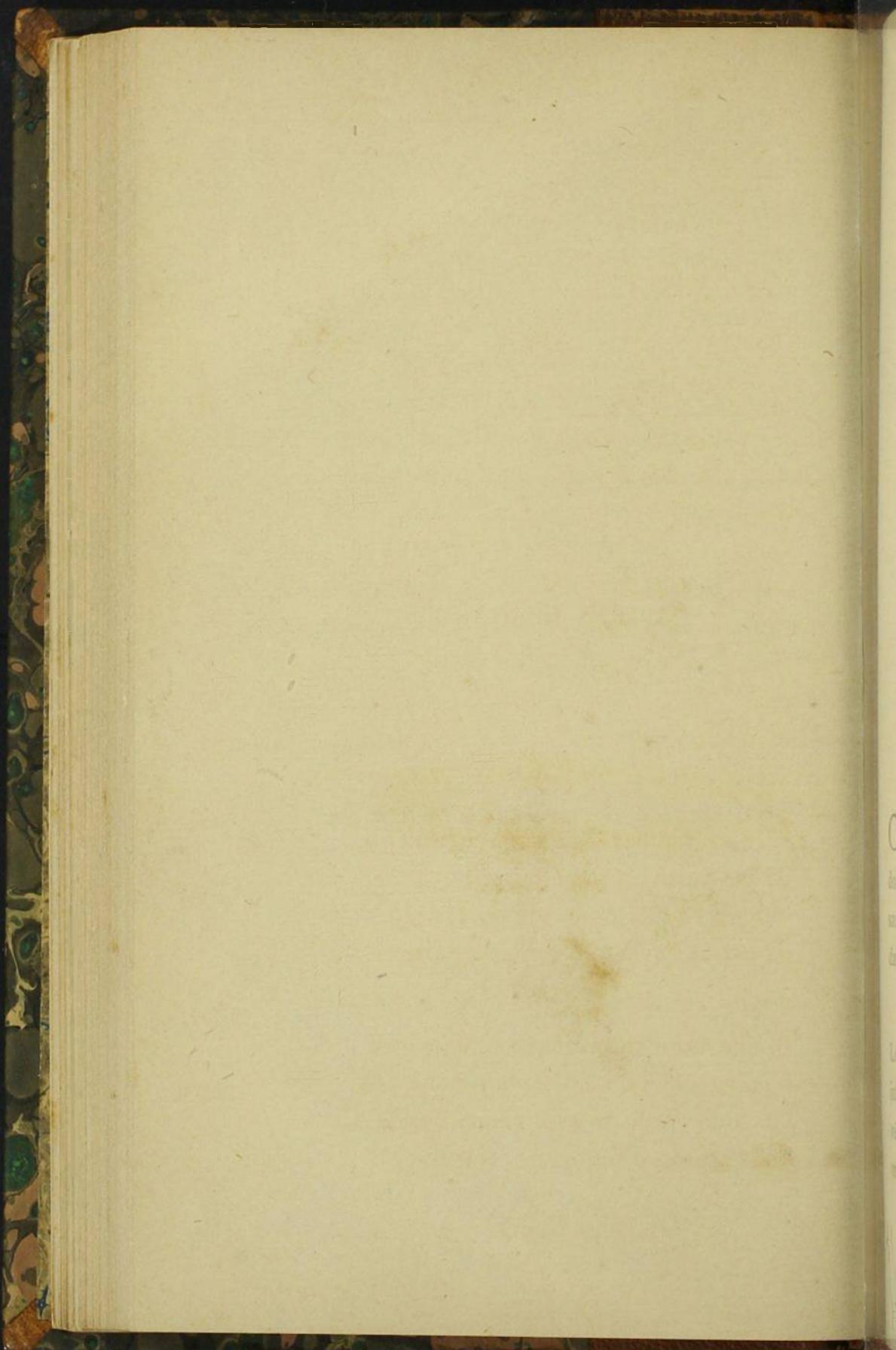
Rodavam o leito as viúvas lacrimosas...  
Ouvia-se o rumor das preces vagarosas.

Uma restea de luz entrava no aposento.  
O sol que se escondia em seu clarão fulmineo  
dava ao rosto da morta um vago tom carmineo...  
Ao longe soluçava o mar, como um lamento.

S. Pedro, com o olhar profundo e transparente,  
tinha tomado o estranho aspecto d'um vidente.

Avincara-lhe o rosto o sulco do soffrer;  
o Apostolo chorava ao contemplar Tabitha...  
e alevantando o olhar á abobada infinita,  
bradou sereno e bom: — «Levanta-te, mulher!»

E o ultimo clarão do sol ensanguentado  
a fronte lhe envolveu n'um resplendor sagrado.



DIOGO BERNARDES

---

A João Gomes d'Abreu.

Como Camões — fidalgo e cavalleiro,  
do moço rei no sequito luzido,  
saudou da gloria um ultimo gemido,  
da patria ouvindo o grito derradeiro.

Longe, no escuro e ferreo captiveiro,  
julgava, olhando em sonhos embebido,  
vêr todo em lucto esse vergel florido  
onde sentira o seu amor primeiro.

E olhou, e viu n'aquella escuridade  
a efflorescencia estranha da saudade,  
longe, bem longe, n'um distante clima...

julgando-se embalado, á lua cheia,  
n'um tristissimo canto de sereia  
entre as nereides a boiar no Lima...

## NO CEMITERIO

---

QUANDO eu te vi rezar no estreito mausoleu,  
de joelhos, com as mãos erguidas para o ceu,  
— pobre criança ingenua a soluçar, — sentia  
que o peito me rasgava a tua dôr sombria. . .  
Mas a dôr que soffri, quando te levantaste,  
e n'um silencio frio ao pé de mim passaste,  
sem ao menos volver o olhar compadecido,  
não a póde exprimir o labio commovido.  
Do largo cemiterio em meio da alameda,  
quando ao longe escutei o fremito da seda

---

do teu vestido, até imaginei, então,  
que tu, junto do meu sombrio coração,  
ajoelhaste ao passar... porque elle é simplesmente  
o jazigo onde dorme o nosso amor ardente!

SEGUIDILHA

---

A Eduardo d'Araujo.

SE não ha na Hespanha inteira  
uma flôr tão feiticeira,  
nem rosa mais delicada  
em Granada,

tu deves, por vida minha!  
deixar a folha de vinha  
ás moralidades fátuas  
das estatuas.

Que as vaporosas Ophelias  
vão desfolhando as camelias  
e cantem, á flôr das aguas,  
suas maguas. . .

Desprende os fartos cabellos,  
como lustrosos novellos  
d'uma sombria grinalda,  
sobre a espalda.

Deixa que em sonhos doirados  
eu poise os labios molhados  
do teu peito sobre as ondas,  
que não sondas.

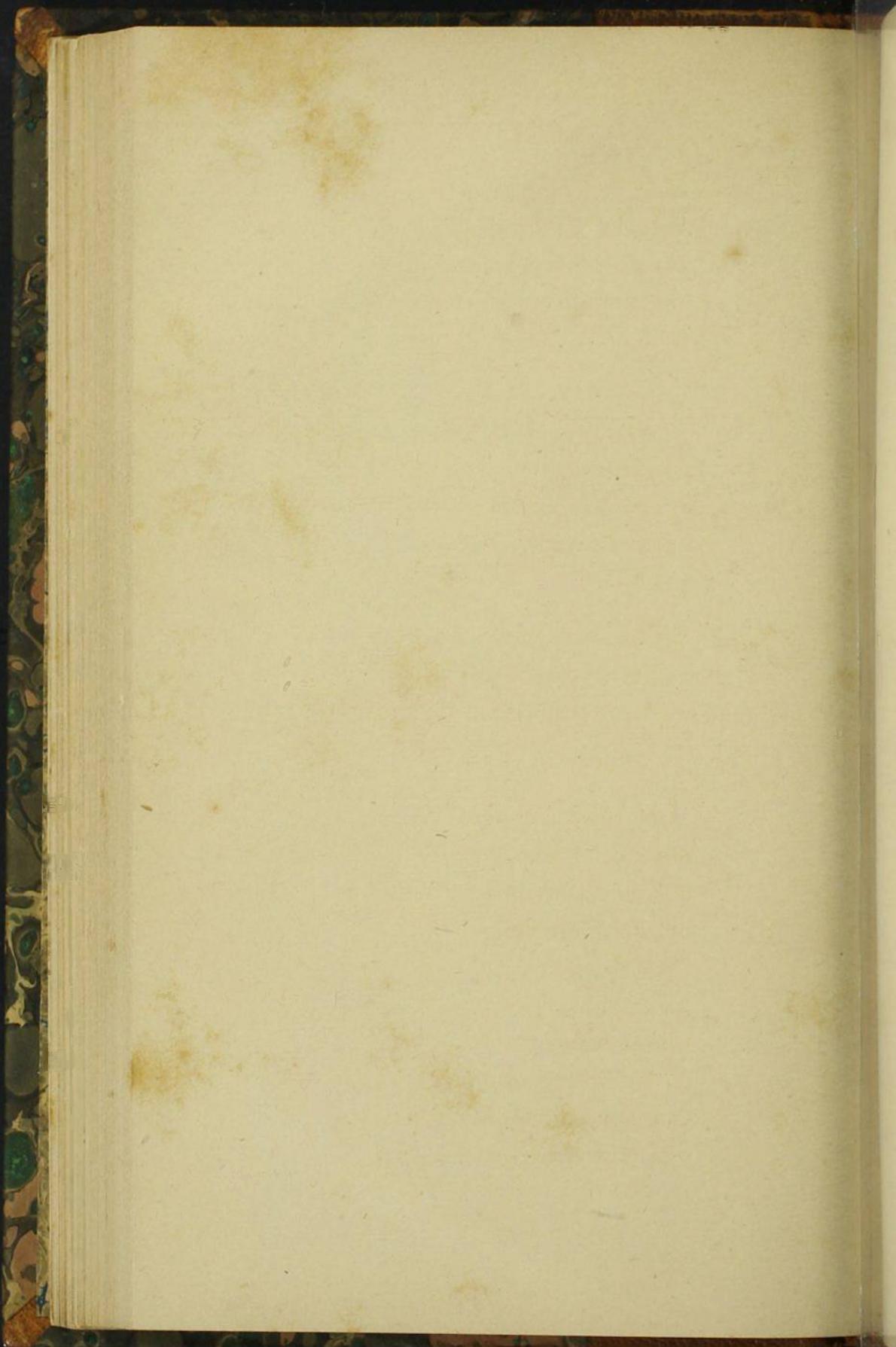
Verás como a alma se perde  
no veu tenuissimo e verde  
d'uma espr'ança fugidia  
como o dia. . .

Do teu olhar os effluvios  
inundam-me nos diluvios  
d'este amor profundo e grande,  
que se expande

n'uma indolencia tão meiga,  
como nos plainos da veiga  
ou nas espumãs do mar  
o luar...

Teu riso meu estro inflamme-o!  
Eu canto um epithalamio  
com os córos destinados  
aos noivados...

E na tragedia amoravel  
do meu affecto indomavel,  
afoga-me sem receio  
no teu seio...



ANACREONTICAS

---

I

**T**EU rosto é como  
um roseo pomo,  
que eu só desejo  
morder n'um beijo.

Ultimo tomo  
do amor, que eu domo,  
emquanto almejo  
o grato ensejo...

O affecto que  
me enchera de  
paixão fatal,

vê com ardôr  
teu bello cõr-  
po esculptural!

## II

Cabellos d'oiro!  
dõce thesoiro!  
meu ser enleia  
n'essa cadeia.

Dá-me um sorriso . . .  
Que paraíso  
teu labio encerra!  
Não ha na terra,

com tal frescura,  
rosa tão pura,  
quando a manhã

lhe empresta afagos...  
É como os bagos  
d'uma romã!...

## III

Na tua pôma  
trememente e breve,  
que a negra côma  
beija de leve,

—foco de neve  
cheio d'aroma,—  
ninguem se atreve,  
—n'essa redoma

occulta em rendas,  
—taça das lendas  
de Galaör,—

a lêr o poema,  
o eterno thema  
do antigo amor...

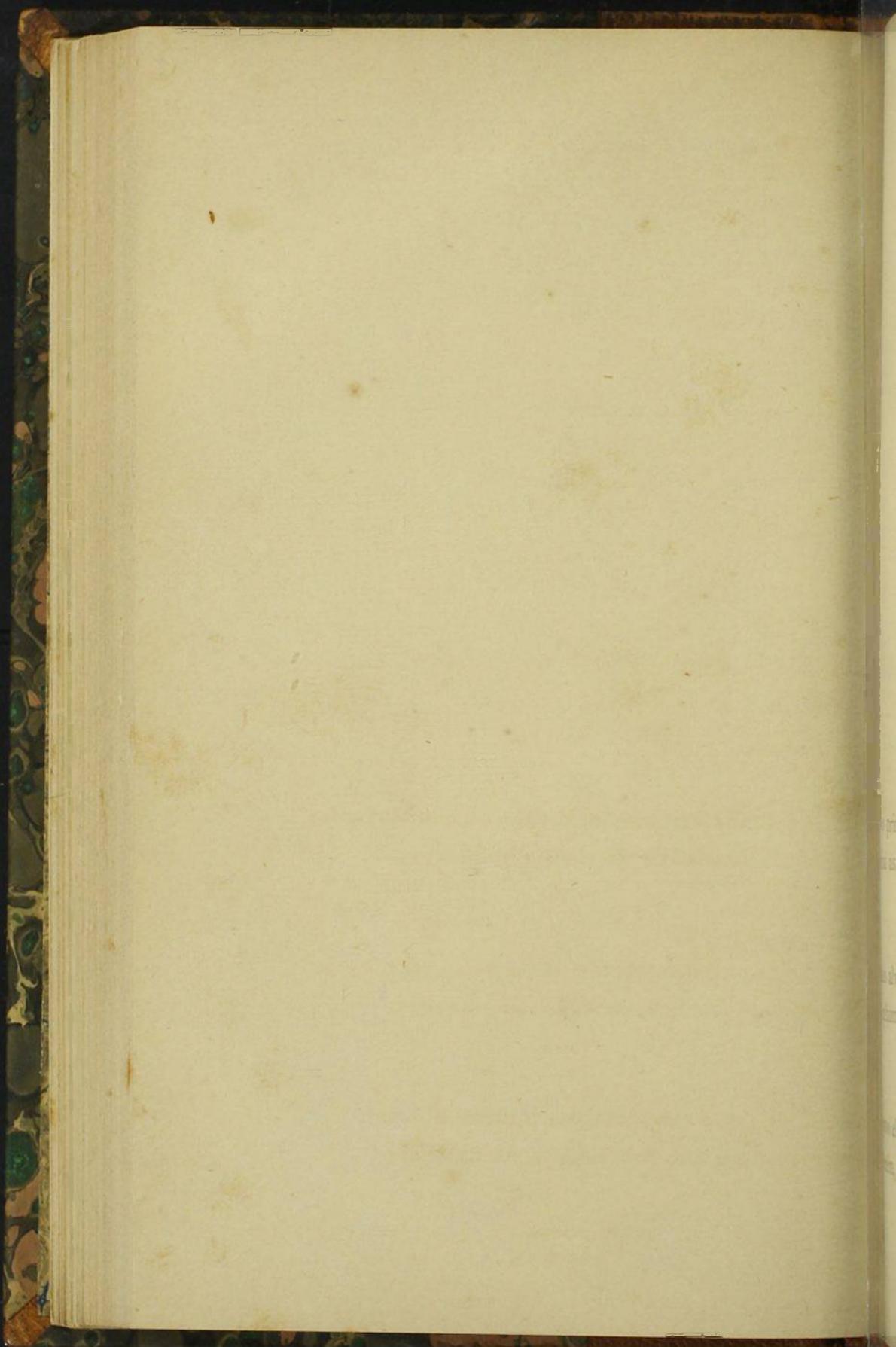
## IV

Vi uma abelha,  
toda amorosa,  
junto a uma rosa  
fresca e vermelha.

Ella não via,  
que ideaes amores!  
as outras flôres  
que em torno havia!

Com que meiguice  
minh'alma disse,  
olhando anciosa

a flôr vermelha:  
Eu sou a abelha,  
tu és a rosa!



## O CORVO

(Ovidio, *Met.*, Lib. II.)

No principio do mundo, o Corvo astuto e feio  
tinha as azas da côr do nacar, tinha o seio

mais alvo que o marfim e as cérulas espumas.

Nenhuma ave tinha avelludadas plumas

como elle, que excedia em gentileza o cysne.

Porém, como não ha rosa que se não tisne,

astro que não se esconda e amante que não chore,  
nem perfume, nem flôr que nunca se evapore,

o Corvo, como reza a fabula d'Ovidio,  
soffreu tambem um dia o tenebroso excidio.

O castigo, ao cahir sobre elle, como açoite,  
deu-lhe ás azas de neve a escuridão da noite.

Porque motivo Deus transformaria o Corvo,  
dando á belleza antiga aspecto immundo e torvo?

Porque tingiu de negro as pennas de setim  
mais alvas que o lilaz?—Diz a fabula assim:

Accusou de traição, ao Deus que desatina,  
Corónis, a belleza esculptural e fina,

deixando-se envolver na complicada malha  
do embuste que lhe tece a perversa graiha.

\*

\* \*

Ora a fabula tem moralidade antiga.  
Depois de lhe contar, oh pallida Inimiga!

que nunca me esqueci d'aquelle amor sublime,  
accusou-me tambem do miseravel crime,

sabendo que o meu peito em convulsões naufraga  
ao sopro da Paixão na tumultuaria vaga.

Para que disse áquelle ingenuo colibri  
que da innocencia d'elle o meu cynismo ri,

que eu sou como esses vãos espiritos de lama  
que desprezam o affecto e riem de quem ama?

Como excede tambem na gentileza o cysne,  
e de certo não ha rosa que se não tisne,

---

ah! se ainda conserva o gesto do cordeiro  
e nos labios de fogo o riso traiçoeiro,  
eu, punição igual á injuria, não concebo!  
Mas Jove transformou em gata a irmã de Phebo...

## ZELOTYPIA

---

A POMBA transformou-se em fera sanguinaria,  
a timida gazella em tragica leôa!...

Se o Amor ainda palpita, oh carne mercenaria!  
o orgulho ha de vencêl-o, o orgulho não perdôa!

Quero odiar-te e não posso! o desespero é cego!  
desvaira-se a razão na inconsolavel dôr!  
mas o ciume cruel paira como um morcego  
e annuncia o fatal crepusculo do Amôr!

Eu sei que hei de esquecer-te; o affecto é quasi extincto;  
e se a traição produz revoltas e desejos,  
é porque muita vez em sonhos ainda sinto  
a bocca incendiada ao fogo dos teus beijos!

A arvore cresceu, lançou raizes; vamos!  
para a arrancar, bem sei, não basta o furacão;  
o vento arrebatou-lhe os mais viçosos ramos,  
mas deixou-a agarrada ao solitario chão!

Por isso ao vêr cahir as illusões felizes,  
se te lastimo e choro, archanjo fulminado!  
é porque dentro em mim, no coração golpeado,  
conservo da paixão as ultimas raizes...

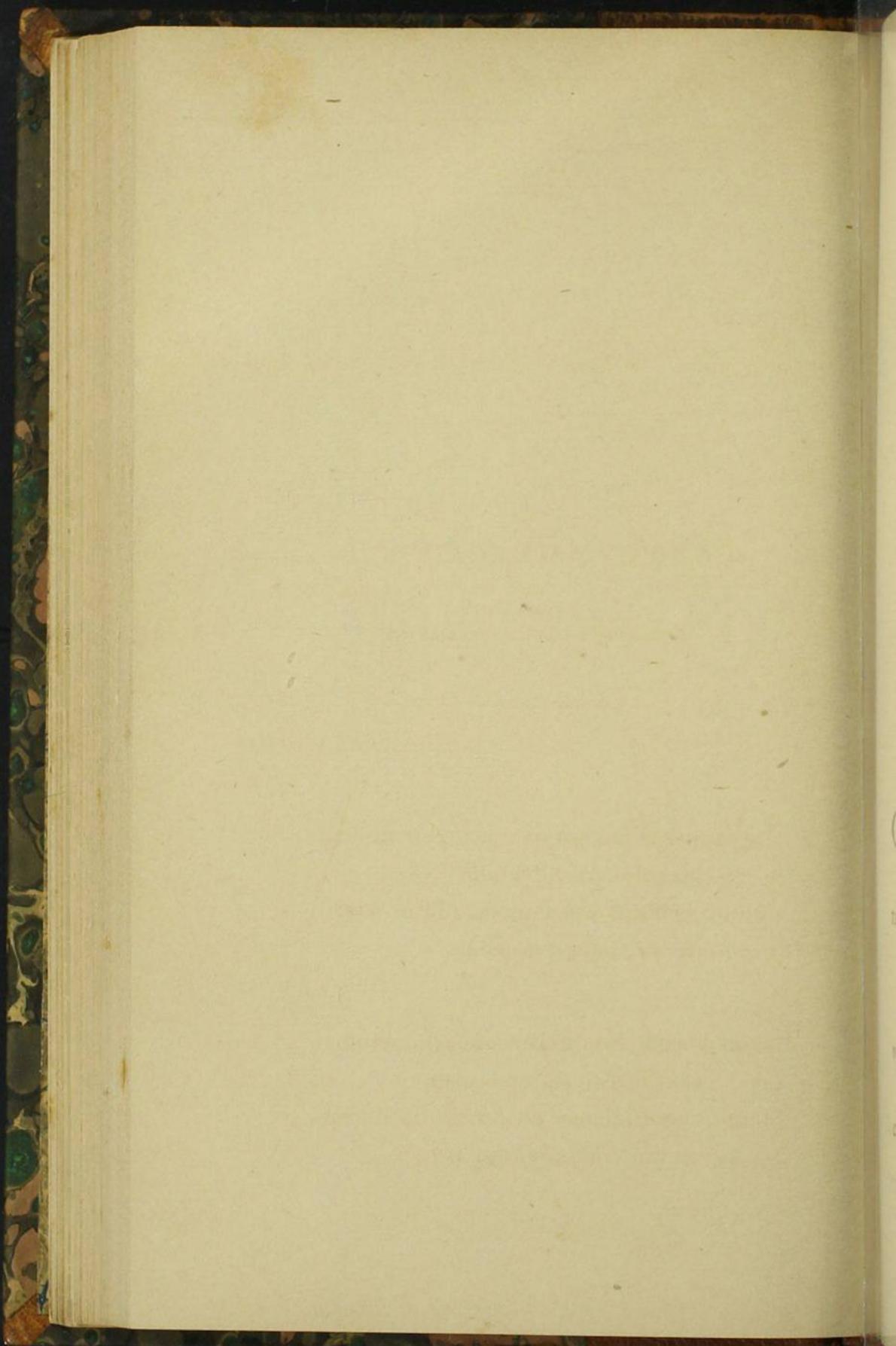
Toda a estrella percorre a orbita marcada  
gyrando pelo espaço onde o destino a chama...  
e tu ennodaste a aza immaculada  
e pura como a neve, em podridões e lama...

## NA CABECEIRA D'UM BERÇO

---

SE te vejo a dormir nas pennas do teu berço,  
— guarda-joias que encerra a perola mais fina,  
eu cuido que palpita um mundo, um universo,  
na tua cabecita angelica e franzina.

Que o Destino te empreste as azas do talento,  
archanjo! e no teu peito a consciencia encarne!  
a ti que hoje és somente, oh flôr do sentimento!  
riso que se fez luz! beijo que se fez carne!



## CANÇÃO DA DECADENCIA

(VARIACÕES SOBRE UM THEMA ANTIGO)

---

A José Botelho Riley.

QUANDO o teu corpo succumbir na lucta  
ao cabo da contenda,  
tu que lembras a Venus dissoluta  
de que fallava a lenda,

verás chegar essa existencia ao cumulo,  
sem lagrimas, sem susto,  
como quem julga ir encontrar no tumulo  
algum connubio augusto.

Mas tu na cova,— estolida blasphemia  
d'este louco entremez,—  
nem ouvirás esta canção bohemia  
chorando o teu revez,

cantando as tuas formas caprichosas,  
cheias de viço e força,  
as tuas linhas puras e nervosas,  
flexíveis como a corça.

E não verás no teu *boudoir* sombrio  
na noute do trespasse,  
olhar amigo, como um luar macio  
beijando a tua face.

Mas eu que tive os odios e os sarcasmos,  
eu, poeta varonil,  
dando expansão aos lyricos espasmos  
d'um coração viril,

eu, entrarei como um bandido, a occultas,  
no morno camarim,  
para beijar-te as formas insepultas,  
vencido cherubim.

Mas ao vêr-te deitada sobre a eça,  
estatua dolorida!  
emmoldurada a languida cabeça  
na trança desprendida,

o olhar vidrado, a face desbotada  
e pallida, sem côr,  
cahirá sobre ti crystallizada  
em pranto a minha dôr.

E recordando a nossa primavera  
como um sonho desfeito,  
irei beijar as tuas mãos de cêra  
cruzadas sobre o peito.

Depois, descendo á cova tenebrosa  
teu corpo esculptural,  
como quem entra a alcôva silenciosa  
d'um leito nupcial,

para teres as tuas distracções,  
para que sempre gose  
o teu corpo nas grossas podridões  
da vil metamorphose,

eu, que não temo espectros nem duendes,  
por noites de verão,  
irei também como Fradique Mendes  
ungir o teu caixão,

ao scintillar dos astros doloridos,  
da lua que se offusca,  
com phalernos esplendidos, vertidos  
d'uma amphora etrusca...

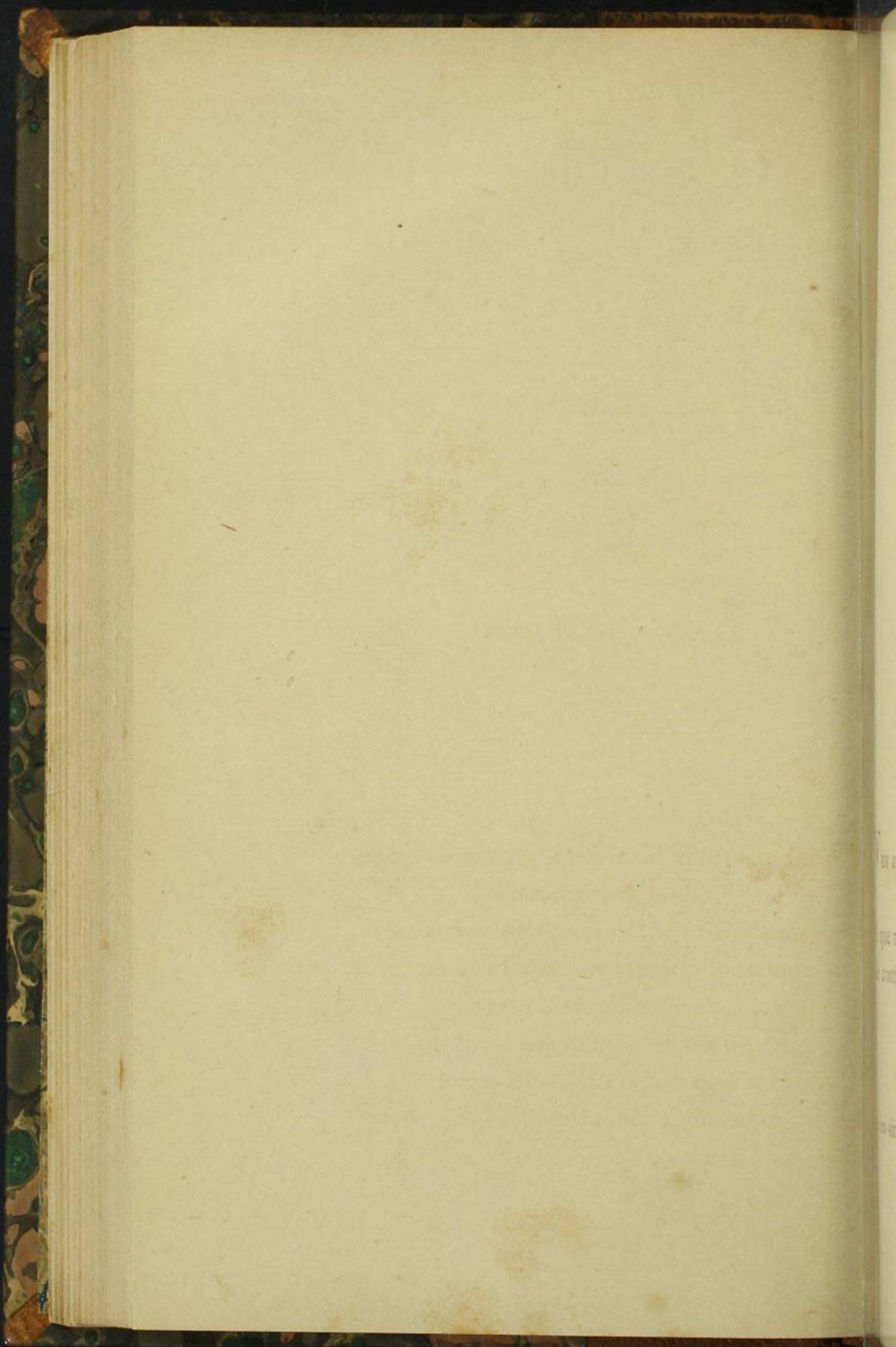
até quando meu corpo esphacelado  
aos ultrages da sorte,  
fôr descansar no tumulto, a teu lado,  
no connubio da Morte!...

## MORENA

(C. de P.)

---

QUANDO nasceste, Deus, querendo attenuar  
dos teus olhos o ardor e o brilho singular,  
para que te ficasse uma expressão serena  
sem a luz que incendêa as illusões humanas,  
depoz-lhes um *abat-jour* feito pelas pestanas,  
e deu-te a sobrancelha escura e a côr morena...  
tal como no principio, exausto de crear,  
depoz as manchas no Sol, para o poder fitar.



## LIEDER

---

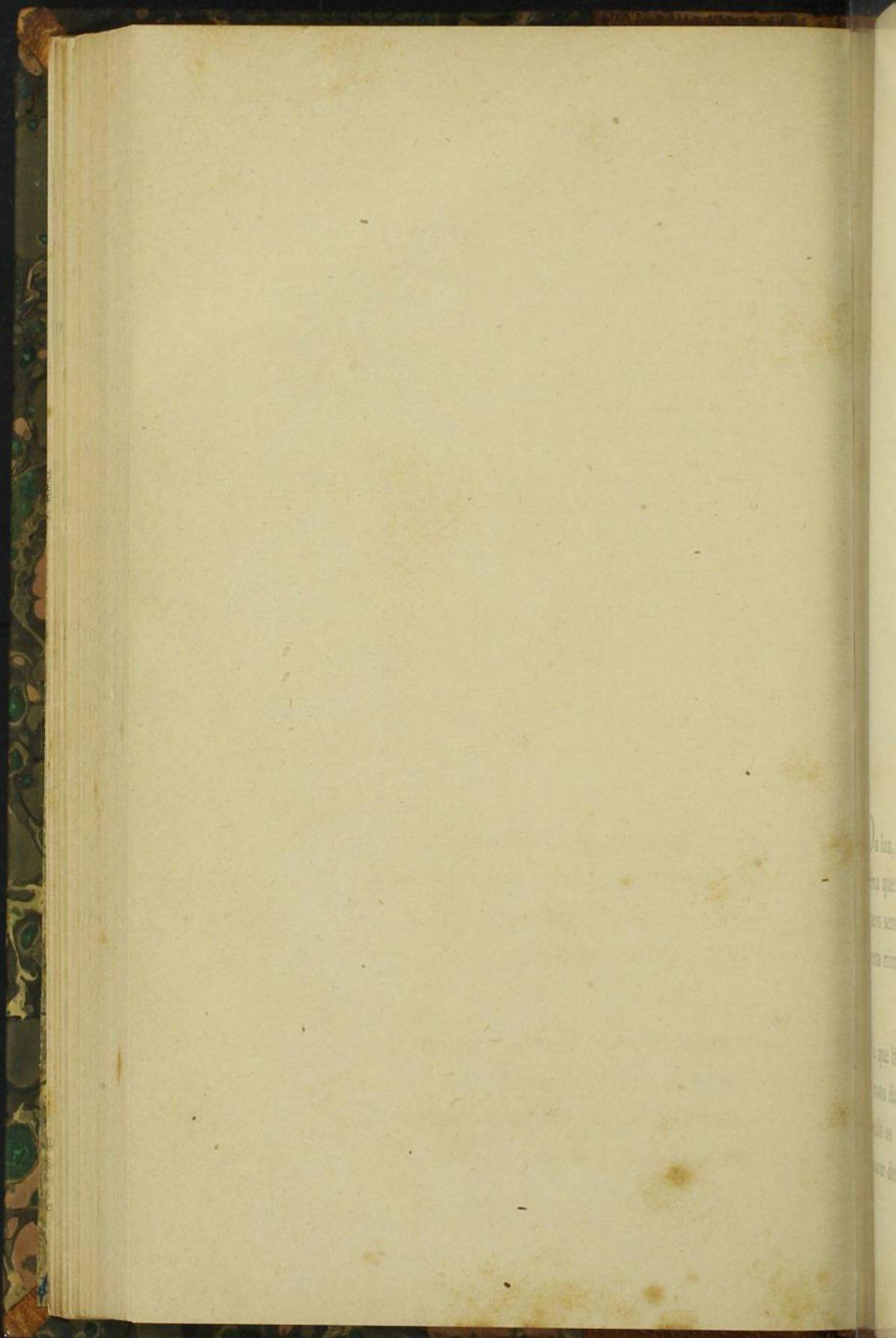
VEM auscultar meu peito, archanjo feiticeiro,  
e vê—que inquietação!

É que n'elle trabalha um pobre carpinteiro  
de continuo a pregar-me as taboas do caixão...

—Trabalha dia e noite,  
trabalha sem cessar...

Não tenho onde me acoite  
e eu sinto muito somno e quero descansar!

*(H. Heine.)*



## VERSOS Á LUA

---

A Carlos Lobo d'Avila.

OH lua, oh lua branca e solitaria!  
deixa que eu durma envolto nos teus raios...  
quero sentir os lyricos desmaios  
n'esta minha tristeza funeraria...

Tu, que banhaste, silenciosa e branda,  
o rosto das Juliettas pensativas,  
vendo os Romeus na scena da varanda  
chorar do amor as lagrimas furtivas,

e ouviste as melancolicas Desdemonas  
cantando, á noite, a aria do salgueiro,  
suaves como as folhas das anemonas,  
como o aroma subtil do jasmineiro;

tu, que viste as Ophelias quebradiças  
levadas na corrente murmurante,  
e contempleste o Cavalleiro Andante  
a galopar nas pontes levadiças;

tu, que escutaste, envelhecido e exausto,  
o Bobo antigo a soluçar e a rir,  
os desesperos tragicos do Fausto  
e as angustias profundas do Rei Lear;

tu, que ouviste da esphera indefinida,  
— radiosa flôr avelludada e fresca —  
os soluços da ingenua Margarida,  
e a musica dos beijos de Francesca,

deixa que eu durma envolto nos teus raios,  
oh lua, oh lua branca e solitaria!  
quero sentir os lyricos desmaios  
n'esta minha tristeza funeraria! . . .

\*

\* \*

Tudo o que eu sinto e vejo em ti, meu astro bello!  
eleva-me n'um sonho ás eras afastadas...  
julgo ás vezes transpôr os fossos d'um castello  
entre a côrte feudal, nas gothicas arcadas...

E penso navegar na tolda d'um navio,  
entrar n'um porto amigo ao cabo da viagem,  
ao som d'essas canções que entôa a marinagem  
em noites orientaes, n'um rumoroso estio...

Julgo desembarcar n'algum paiz do norte,  
em distantes regiões inhospitas e antigas,  
entre homens bestiaes d'aspecto rude e forte,  
e creanças gentis loiras como as espigas.

E fico a imaginar uns climas singulares,  
com montanhas de neve e lagos e geleiras...  
mas de repente vejo os indicos palmares  
e as pômas sensuaes das nuas bayadeiras,

doido como quem sorve o exquisito aroma,  
o aroma tropical inebriante e molle,  
que sae do turbilhão d'uma adoravel côma  
com reflexos azues quando lhe bate o sol!...

## DEPOIS DA GUERRA

---

A Luiz Botelho.

**D**EPOIS da guerra os dois soldados prisioneiros, camaradas leaes e honestos companheiros, tismados ao faiscar sanguineo dos canhões, encontraram-se um dia ao pé dos bastiões da velha fortaleza em lugubre enxovia.

Abraçaram-se muito...

—O mais novo teria vinte e dois annos só; no emtanto o seu olhar tinha a audacia de quem não treme ao encarar

a morte, no fragor terrível das batalhas.  
O outro, já velho e com as barbas já grisalhas,  
na frente erecta e firme a cicatriz heroica  
deixara-lhe a expressão d'essa altiveza estoica  
de quem nunca recua em frente do inimigo...  
Podia-se pintar como um guerreiro antigo. —

Abraçaram-se muito... E ao vel-os, apertadas  
n'um amplexo de ferro as fardas chamuscadas,  
dir-se-hia, contemplando aquelle abraço augusto,  
que o roble protegia o delicado arbusto!

Puritanos fieis, heroicos, destemidos,  
na cerrada legião, valentemente unidos,  
luctavam como heroes e viram-se por fim  
prisioneiros, ouvindo os echos do clarim  
na grande embriaguez nostalgica da gloria...  
Lembraram-se da guerra e os sonhos da victoria  
sentiram fuzilar nos olhos marejados...  
Afastaram-se... e então, viram-se desarmados,  
presos, como ladrões, nas tenebrosas cellas!  
Ouvia-se a distancia a voz das sentinellas,  
e a enxovia ficou em densa paz envolta.  
N'isto, um official á frente d'uma escolta

entrou pela prisão e leu-lhes a sentença  
condemnando-os á morte . . .

— «O militar não pensa  
na vida, quando a patria ha pouco succumbiu!» —  
bradaram juntamente.

O official saiu . . .

Esperava-os a morte horrivel dos escravos  
e dos rebeldes. Nem dariam a esses bravos  
a honra concedida aos infimos soldados:  
morrerem como heroes, no campo, fuzilados!

Mal que se viram sós pozeram-se a pensar  
nas grandes affeições profundas do seu lar . . .  
na infancia, o bello sonho em que a memoria insiste,  
nas velhas mãos d'olhar profundamente triste,  
imaginando ouvir, ao longe, nas quebradas,  
como um ultimo adeus, as notas arrastadas  
que soltam pela seara as vozes das ceifeiras . . .  
Suppunham vêr ao longe, ao longe, nas clareiras  
batidas pelo sol, relampejar no espaço,  
n'um crescente de fogo esse cutello d'aço  
que em breve roubaria a sua ingloria vida . . .  
E emquanto o heroe chorava a filha estremecida  
— franzino colibrí mal emplumado ainda —  
o mais novo, sentindo uma saudade infinda,

revia, em pleno sonho, essa gentil creança  
que tanto amou, e foi como um luar de esp'rança  
na sua infancia alegre...

Echoava pelas cellas,  
de guarita em guarita, a voz das sentinellas...

\*

\* \*

Na praça larga e extensa a guilhotina, erguendo  
como uma nodoa escura o seu aspecto horrendo,  
enchia de pavor a multidão ruidosa.

O sol brilhava em toda a pompa sumptuosa.  
Nem um farrapo só de nuvens pelo espaço...  
parecia que o nordeste arfava de cansaço.

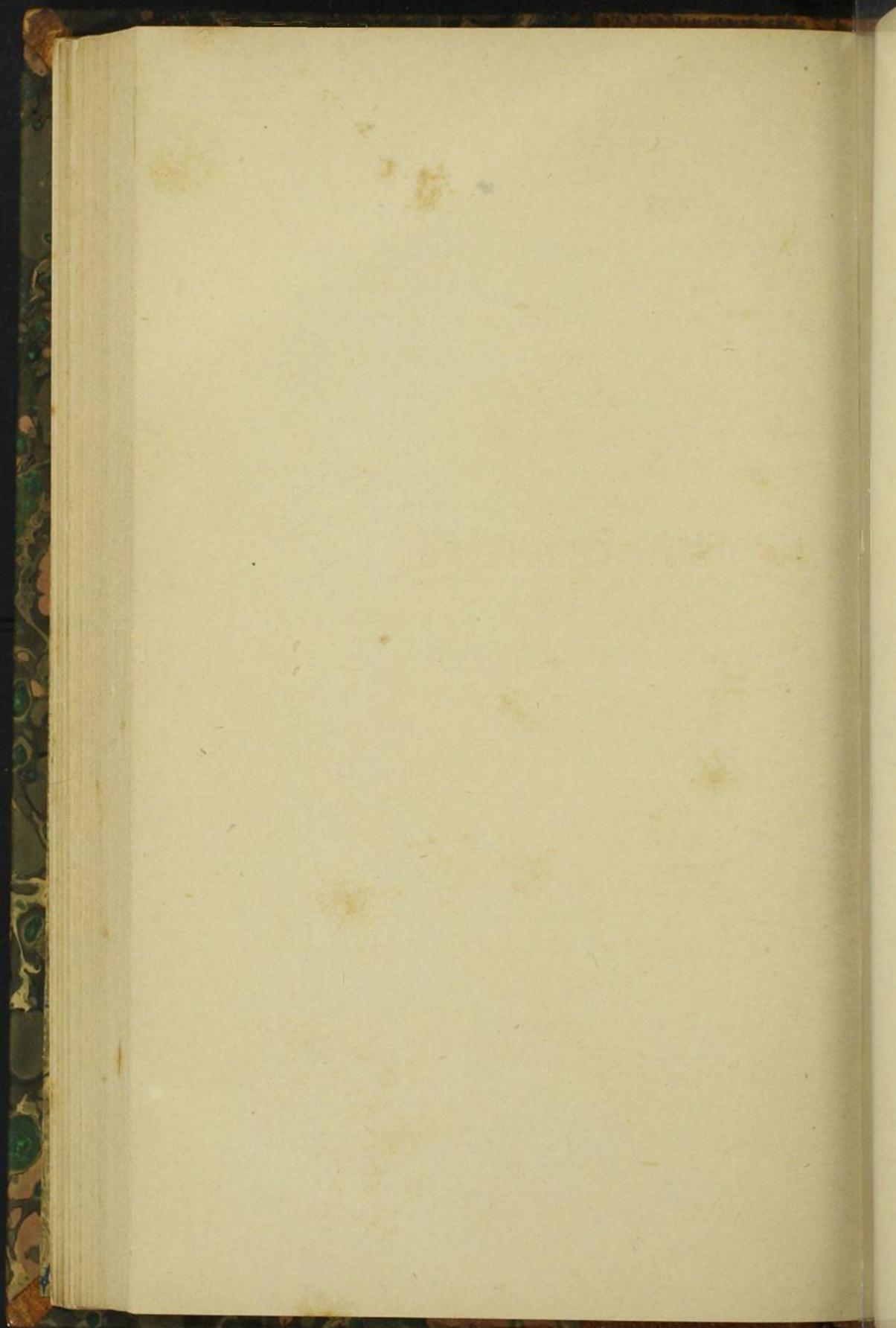
De repente escutou-se o grito das trombetas  
e o pausado rodar funereo das carretas  
— sarcophagos trazendo em vida os condemnados...

O mais novo subiu a rampa dos tablados,  
sereno como o heroe que morre na esplanada,  
lançando os olhos d'aguia á multidão pasmada.

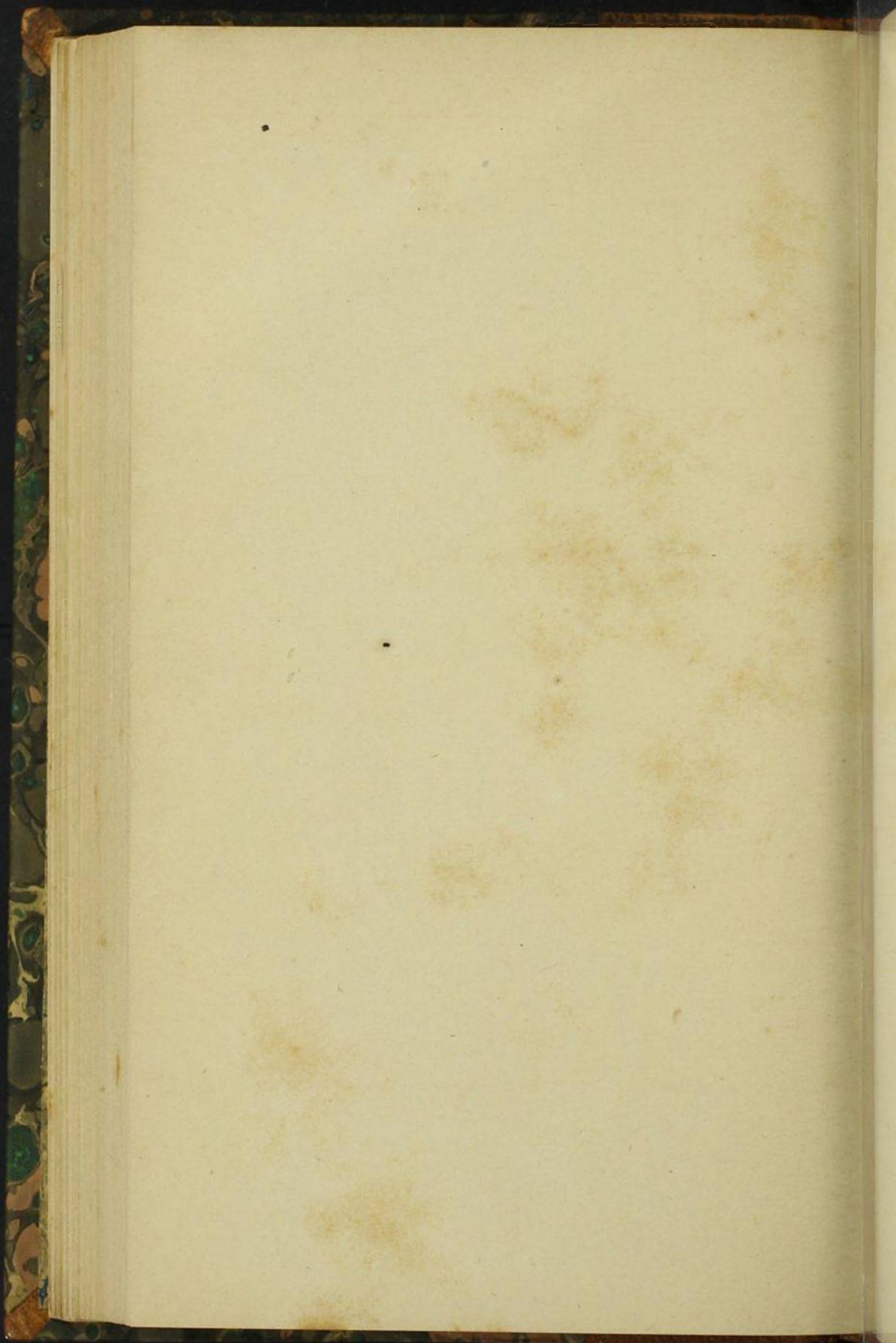
Houve um silencio estranho. A machina rangeu...  
ouviu-se um grito enorme; e o velho estremeceu  
nas doidas convulsões d'um estertôr final...

Ajoelhou-se, e depondo um beijo fraternal,  
cheio de commoção, no antigo camarada,  
arrancou-lhe, febril, da sua mão crispada,  
a imagem da mulher que elle entreviu, talvez,  
no derradeiro alento a derradeira vez...

E prestes a morrer, com a razão perdida,  
n'aquella imagem via a filha estremecida  
a acenar-lhe do azul n'uma saudade infinda,  
franzino colibrí mal emplumado ainda!...

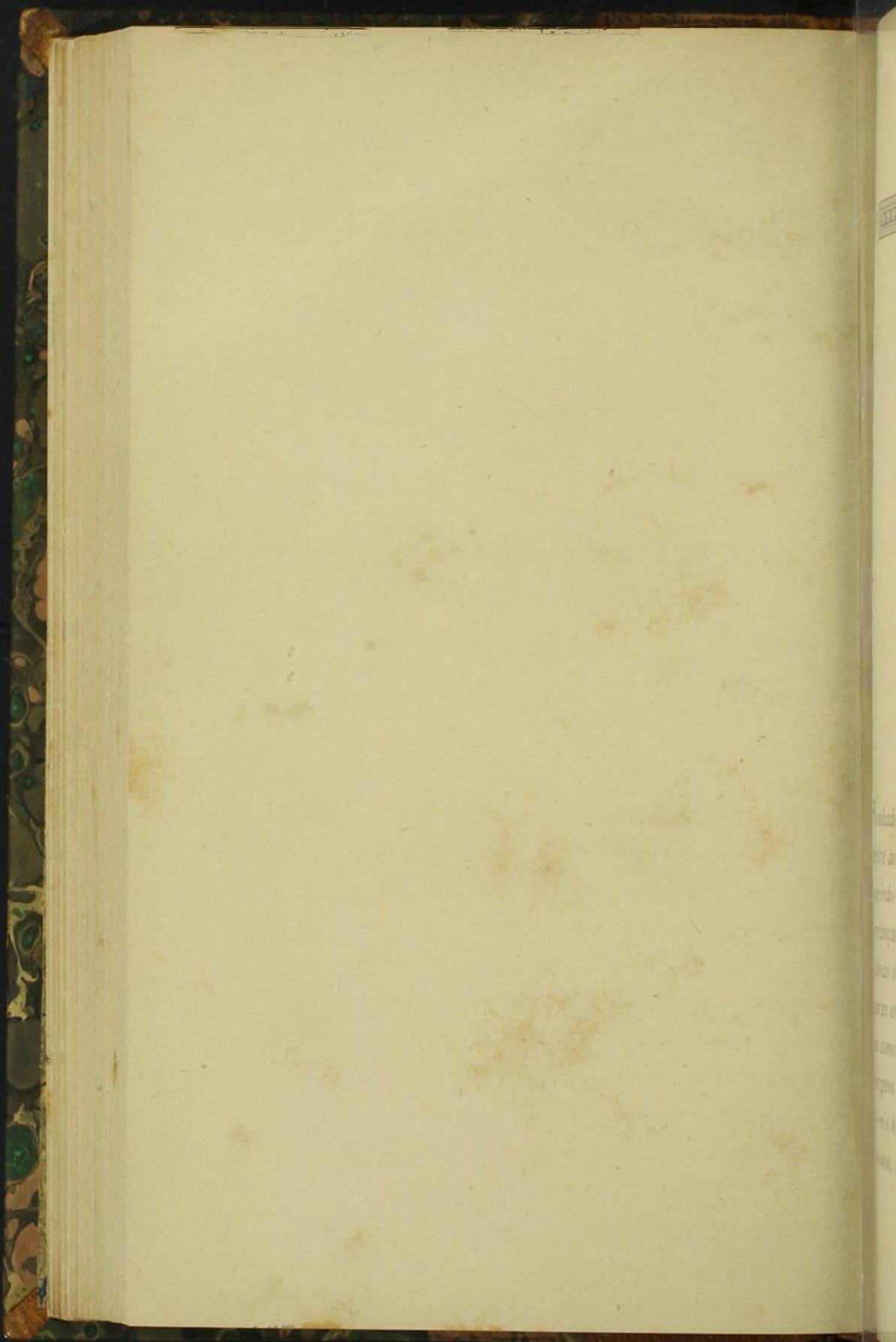


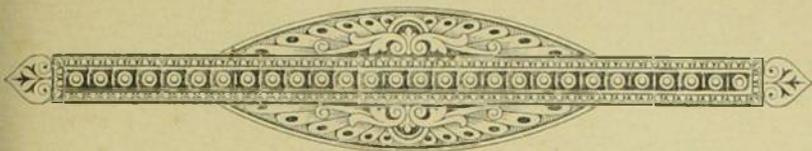
BUCOLICAS



AO MEU AMIGO

LUIZ DE MAGALHÃES





*SYMPHONIA D'ABERTURA*

*Sonhadores, que andaes em noites de luar,  
entre as moitas em flôr e as sebes orvalhadas,  
ouvindo alegremente os passaros cantar;  
creanças, que passaes ao longo das estradas,  
almas simples, irmãs d'Ophelia ou de Romeu,  
puras como um clarão illuminando arminho  
ou como a emanação d'um lirio que morreu;  
virgens d'olhos azues, do azul da flôr do linho,  
—vós todos que sentis o coração ferido,  
noivos, a quem a Morte arrebatou a amante,*

*amantes, que choraes o vosso amor trahido,  
—ouvi estas canções que a phantasia errante  
colheu, para formar um virginal thesoiro,  
pelas searas sem fim, pelas paysagens largas,  
como quem architecta o seu castello d'ouro  
para fugir da vida ás tentações amargas...  
Atravessae commigo os prados e os caminhos,  
entre os festões da murta e a madresilva em flôr;  
cantam os rouxinoes para embalar os ninhos,  
abre como um lilaz, dentro do peito, o Amór...  
Como quem se baloiça a deslizar n'um rio  
chorando os melibeus antigos das bucolicas,  
ouvi estas canções que pelo ardôr do estio  
soltei á viração das tardes melancholicas.  
Calae-vos, rouxinoes! desabrochae, violetas!  
escutae, escutae este cantar ligeiro...  
Aqui não ouvireis, almas irrequietas,  
Desdemonia cantando a aria do salgueiro...*

FRAGMENTO D'UMA CARTA

A Gaspar de Queiroz Ribeiro.

**H**OJE, para compôr as eglogas silvestres,  
ninguem trata de lêr nem compulsar os mestres.  
Põe-se a gente á vontade e vae, a qualquer hora,  
ao acaso, ao desdem, pelas campinas fóra,  
sem se preoccupar com o que fez Virgilio.  
Procura uma canção? Deseja algum idyllio?  
É simples; basta olhar, lançar a vista em roda  
e abraçar, n'um momento, a Natureza toda.  
Nos prados, na floresta, ao pé do rio, ao largo,  
na grandeza do mar profundamente amargo,

na nuvem que atravessa o ar como uma vela,  
no infinito do ceu que ás noites se constella,  
por toda a parte enfim, ouvindo esta linguagem,  
a poesia rebenta indomita e selvagem  
como na primavera as erupções de flores!

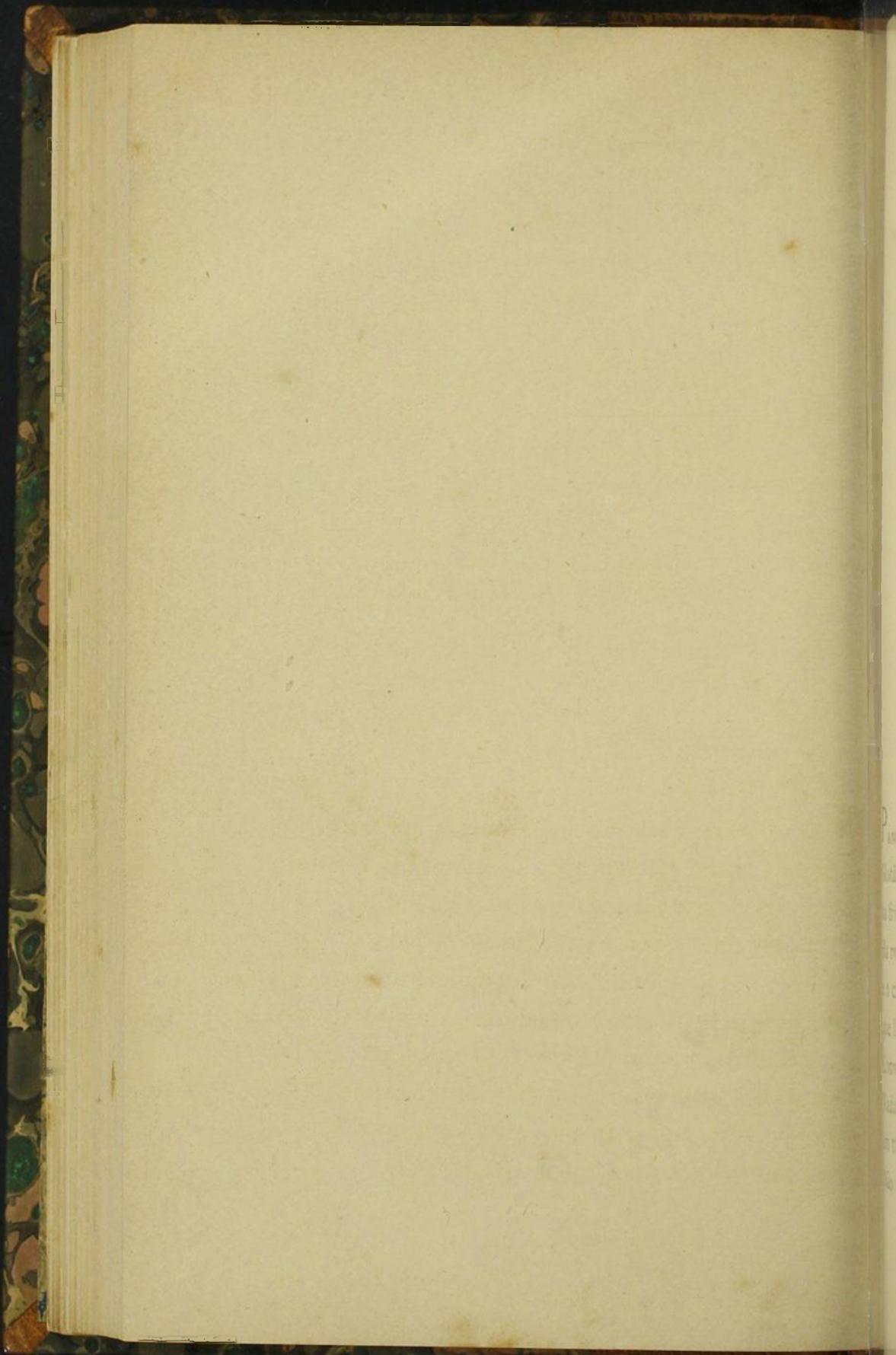
Tem toda a liberdade o vôo dos condores.  
Que nos importa, pois, o que ensinava Horacio?  
Devemos construir, sem regras, o palacio  
aonde a phantasia o seu thesoiro esbange.  
Pois quê? Em tudo quanto a nossa vista abrange  
sob este claro azul d'uma expressão tranquilla,  
aonde a lua ostenta a sua ideal pupilla  
e o sol prodigaliza o seu vigor d'athleta,  
ha Lyras immortaes que só entende o Poeta,  
soberba orchestração da partitura estranha,  
que o vento arrasta e o mar indomito acompanha,  
e que Deus n'uma esphera incognita executa,  
que ninguem comprehende e o visionario escuta  
sentindo que lhe estala o coração no peito!

Abandonemos, pois, o dogma, o preconceito.  
Deixemos finalmente em paz Quintilliano.  
E com o nosso olhar sinceramente humano,

sem preceitos, sem leis, sem codigos, sem normas,  
analysando a côr e decompondo as formas,  
guardando com amôr o sentimento e a idêa,  
ou seja uma elegia ou seja uma epopêa,  
soltemos livremente a nossa voz no espaço!

A Inspiração despreza o canon e o compasso.  
Bate, revoltamente, as azas e atravessa  
precipicios, rasgando a noite e a sombra espessa,  
toda cheia de luz, toda cheia de sol,  
entre as nevoas da tarde e os brilhos do arrebol!  
E como o raio deixa um sulco luminoso,  
sobre tudo o que é grande e tudo o que é formoso  
a Inspiração imprime o seu divino sêllo!

Oh sabios! Se quereis tambem comprehendel-o,  
é necessario, em vez d'escolas, possuir  
Lyra para cantar, Alma para sentir! . . .



## DEPOIS DO JANTAR

---

A Aristides da Motta.

PANTAGRUEL, contempla a Natureza em festa!  
Glotão, dá-me o teu braço e vem dormir a sesta  
na frescura profusa e calma do arvoredado.  
Ha rosas na deveza, ha melros no silvedo,  
e o ceu espalha a flux esse inflammado brilho  
que loireja os trigaes e amadurece o milho.  
Convida-nos a sombra; a relva é como o arminho.  
Nada pela atmosphaera um delicioso vinho  
em torrentes de luz embebedando a terra.  
Não temas perturbar a digestão. Descerra

essa risada e espanca as nevoas melancholicas...  
Devem fazer-te bem as suggestões bucolicas.  
Respira este ar, dilata a curva do teu peito;  
tens o espirito alegre e o ventre satisfeito?  
A Carne tambem gosa e sente-se á vontade  
n'este immenso frescôr, na intensa alacridade  
do banquete que serve a Natureza. Vamos!  
espoja-te na relva e cobre-te de ramos,  
satura-te de luz, embebe-te de sol!  
sae da concha adiposa, immundo caracol!  
Não ouves como ri esse vadio—o cuco?

Contempla este festim!

A planta bebe o succo  
á terra que se exhaure em extasis d'amor...  
Enrosca-se no roble a trepadeira em flôr,  
como ao homem se enlaça a cobra da luxuria!  
Sente-se, no correr da seiva, toda a furia  
do coração d'um athleta ás pulsações... Repara:  
o sol doira e fecunda a vicejante seara;  
embebem-se na terra as lagrimas das fontes;  
ha boninas no prado e lirios pelos montes...  
Cascalham na ribeira os prateados riachos;  
a passarada come os succulentos cachos

como um côro a soltar risadas estridentes;  
andam a voitar borboletas luzentes  
ás papoulas beijando as petalas vermelhas,  
e n'um doirado enxame esplendido as abelhas  
roubam á madresilva este acepipe — o mel.  
O arcebispo não tem na cathedral docel  
de tão ricos setins e finas colgaduras,  
como o bosque enlaçando o abraço das verduras  
sobre os molles frouxeis estofados de relva,  
nem canticos eguaes aos canticos da selva!

Escuta-se, a distancia, a orchestração dos malhos;  
os carros, a chiar, ouvem-se dos atalhos,  
levados pelos bois humildes, silenciosos,  
com a resignação dos corações bondosos  
cheios d'immensa paz... Aromas impollutos  
diffundem-se no espaço e exhalam-se dos fructos...

Vamos! se no teu peito existe coração,  
embebe-o no fulgôr d'este festim pagão.  
A terra é um grande harem; odaliscas as flores...  
Quando o sol desembésta os nitidos ardores  
sente-se uma attracção, uma sensualidade,  
que nos subjuga e a pouco e pouco nos invade

e nos queima e rebenta em doidos pensamentos!  
desejos de morder n'uns seios opulentos,  
volupias de beijar, mais doces do que os favos,  
uns labios de mulher vermelhos como cravos!...  
Deixa os ocios da Carne, estulto malandrim!  
A Natureza serve o opiparo festim  
aos caracoés tambem. Podes aqui saciar-te,  
beber como Sileno, em summa, embebedar-te  
n'este vinho de luz intenso que esfusia  
em cataractas d'oiro, em ondas d'alegria,  
ouvindo a toutinegra, entre os carvalhos toscos,  
a parodiar, cantando, as eglogas de Moskhos...

## TINTAS D'AURORA

A Diniz Moreira da Motta.

**S**ENTE-SE um coração no tumultuar da seiva!  
Em cada prado, em cada atalho, em cada leiva  
rebetam, na explosão da luz, em plena aurora,  
as plantas virginaes que a madrugada irróra,  
colorindo, esmaltando a estranha bordadura,  
que a Natureza põe no chale de verdura  
tecido pelas mãos subtis da Primavera!

Todo este resplendor parece uma chimera!

Não ha nuvens no ceu; nos prados não ha goivos;  
a lorangeira ostenta a eburnea flôr dos noivos,  
e o sol presta á velhice o ardôr da juventude,  
vestindo-lhe a couraça herculea da saude  
nas batalhas da luz, pelas manhãs sonoras!  
Como a gente se alegra e vê correr as horas  
brandamente deitada á sombra dos carvalhos,  
quando a luz evapóra os ultimos orvalhos  
e doira a folha verde-escura dos loureiros!  
A rirem-se de nós, passaros galhofeiros,  
os sophistas-pardaes e os melros-arguciosos,  
— na egreja natural dos álamos frondosos,  
theologos pagãos fazendo a sabbatina —  
trautêam todo o dia a eterna cavatina  
em doces variações correndo toda a escala . . .

O ceu é fundo e leve, o espaço é côr d'opala.

Meu amigo, não vês a Natureza toda  
como noiva gentil vestida para a boda,  
com diademas de luz, — nos seios impollutos  
sentindo palpitar a sua gloria — os fructos?  
Não estejas assim calado e pensativo  
d'olhos no chão; a Aurora é um bello aperitivo.

Custa muito, bem sei, logo de manhã cedo  
erguermo-nos do leito, apenas no arvoredo  
a toutinegra canta a sacudir as pennas. . .

Mas não ha nada assim como as manhãs serenas!

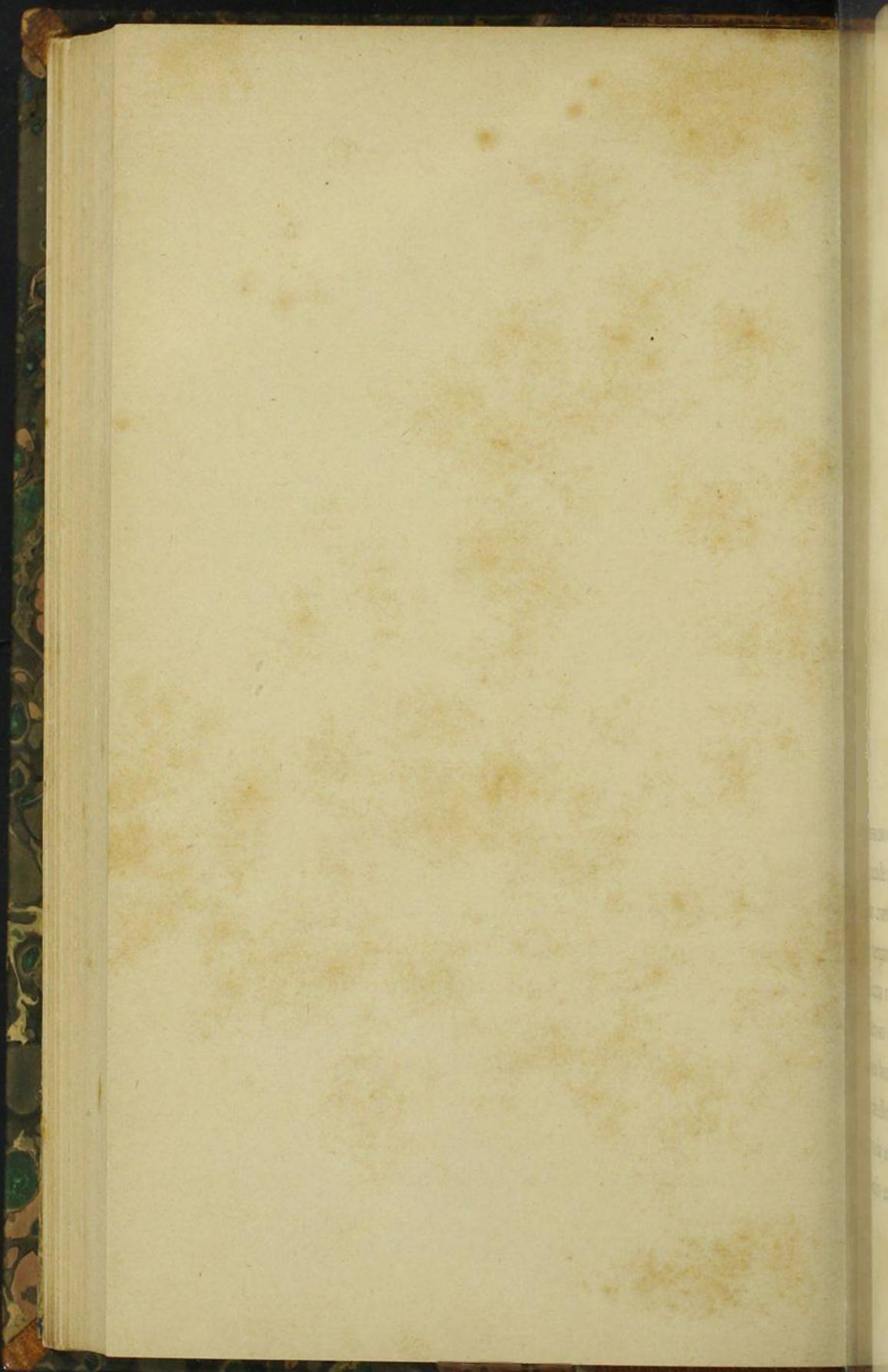
— scintillações de luz, rumôr de cançonetas,  
quando choram no prado os olhos das violetas  
e a cotovia corta as amplidões do ar. . .

Appetece-nos rir, correr, brincar, saltar  
pelos vallados, ir pelas campinas fóra,  
como um deus que persegue a Diana caçadora  
no trémulo vapor das humidas neblinas.

Cuido que se verteu das urnas crystallinas  
do velho ceu pagão a olympica ambrosia,  
que dilata os pulmões e robustece e cria  
nos peitos varonis musculaturas d'aço.

Embebedam-me o ceu, as arvores, o espaço,  
quando o rubro licor da Aurora, que flammeja,  
nos labios feminis põe tintas de cereja  
e um languido quebrar nos olhos de velludo.

Contra os raios do sol com folhas por escudo,  
n'esta doida alegria e n'esta ebriedade  
que salta, espuma e estala em toda a immensidade,  
penso que se entornou e n'amplidão se perde  
um immenso lagar cheio de vinho verde! . . .



## MODERNO HEPHAÏSTOS

(TRECHO D'UM POEMA PERDIDO)

Ao sr. Miguel de Lemos.

BANHADO nos clarões sanguineos da fornalha,  
na incude sonora o forjador trabalha,  
tenaz como um heroe domando o ferro e o aço,  
que vergam á pujança herculea do seu braço.  
Na lucta nem descança apenas um momento.  
Poderoso titan, no seu perfil violento,  
no seu bondoso olhar profundamente humano,  
no cabello revoltado em ondas como o oceano,  
em toda essa expressão da athletica figura,  
o Genio encontraria as linhas da esculptura!

No emtanto, se apparece ás portas da officina,  
tristemente a scismar no seu viver nefando,  
quando brilha no occaso a estrella vespertina  
e passa pela estrada o lavrador cantando;  
ao verem-no sósinho as timidias creanças  
estremecem de horror e fogem a chorar,  
emquanto elle recorda as infantis lembranças  
da sua mocidade, á beira do seu lar...

E quem olhasse então o seu perfil cavado  
no continuo lutar d'uma perpetua lide,  
vêl-o-hia a soluçar, convulso e desgrenhado,  
á hora religiosa em que o luar incide  
na glauca superficie olympica das aguas....

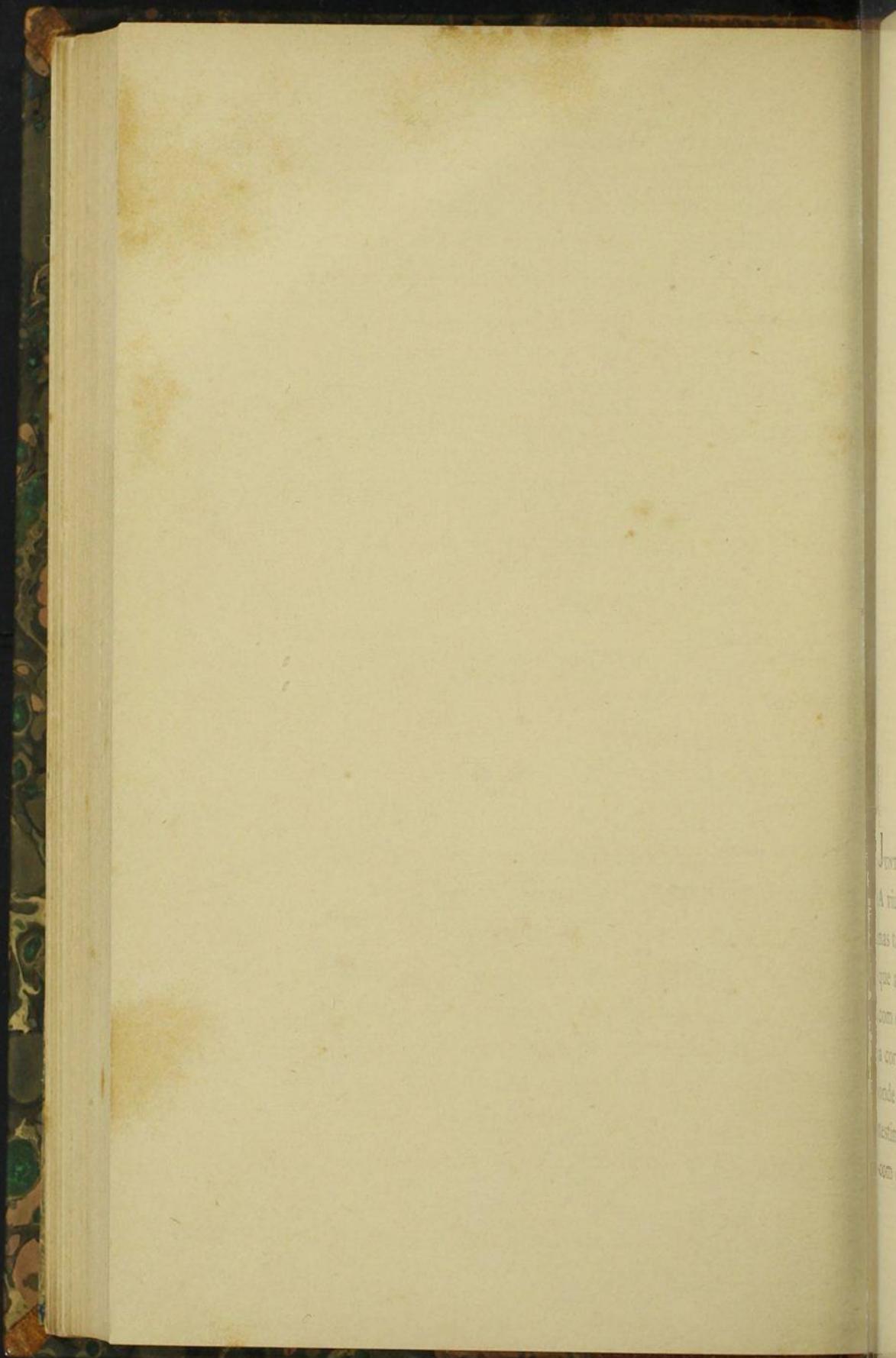
Chorando intimamente as suas grandes maguas,  
sem Deus se commover na vastidão cerulea,  
tem revoltas de fera altivamente herculea,  
desesperos cruceis d'um tragico sublime!  
Ergue-se impulsionado aos impetos do Crime...  
mas contemplando o ceu onde o luar esplende,  
deixa inerte cahir o braço, que lhe pende,  
como a espada que larga o pulso d'um guerreiro!

No mundo, abandonado e triste prisioneiro,

sem familia, sem lar, odiado e perseguido,  
sem ter um coração que escute um seu gemido,  
sem ter, para encostar a fronte, um peito amigo,  
quando a ave tem ninho e a féra tem abrigo...  
viver como uma planta escura e despresada,  
que o sol nunca beijou nas glorias da alvorada,  
e o vento arrebatou no turbilhão do norte,

é mais dôce viver nas solidões da Morte!

Que sympathia infunde o prodigioso athleta!  
Na alegria da aldeia esse tristonho asceta,  
audaz batalhador, sem nunca repouisar,  
não sei que sensação estranha faz vibrar,  
que novo sentimento ao coração desperta...  
Pois não ha quem traduza essa visão incerta,  
que a nossa phantasia em sonhos elabora,  
quando a criança ri, quando um gigante chora!...



ELEGIA RUSTICA

*(D'après nature)*

---

A Pedro Gaivão.

JUNTO da estrada havia um roble gigantesco.  
A viuva do casal vinha tomar o fresco  
nas tardes de verão junto da arvore antiga,  
que a viu nascer, que a viu—ingenua rapariga—  
com o rosto infantil cheio de graça honesta,  
a correr na campina, a andar pela floresta,  
onde fôra colher os pennujentos ninhos...  
testemunha fiel dos timidos carinhos  
com que a Mãe lhe embalara o berço em que dormia...

Junto d'ella brincava uma criança e ria  
d'um riso encantador, sob um olhar enxuto,  
que a bocca parecia um delicado fructo  
desabrochado á luz do seu materno olhar.  
Vinham pelo caminho em bandos a cantar,  
depois de ter deixado as asperas fadigas,  
os rudes aldeões e as frescas raparigas  
na serena expansão da força e da saude.

Recordava-se, então, da sua juventude,  
da alegria do lar, das affeições sinceras,  
no brando resflorir das suas primaveras,  
— dias cheios de sol n'uma longinqua idade . . .

No roble que recorta o azul da immensidade,  
que o poente córava em gradações suaves,  
ouvia-se o cantar monotonico das aves,  
e em baixo murmurava o rio entre os salgueiros.  
O perfume subtil das rosas dos canteiros  
d'um effluvio dormente a Natureza enchia . . .  
Que tristezas no adeus melancholico do dia!

Da janella entreaberta os reflexos do lar  
davam-lhe ao rosto meigo um resplendôr solar,  
como a aureola que têm as sanctas nos altares...

Então, eu li bem claro os intimos pezares,  
a tristeza profunda, o lugubre desgosto,  
que murcharam a flôr vermelha do seu rosto  
e apagaram o brilho ethereo dos seus olhos!

Ás rosas do prazer succedem-se os abrolhos  
como ao dia succede a escuridão da noite...  
Pomba errante, sem ter um ninho aonde se acoite  
a alegria esvoaça em paramos distantes,  
quando a desgraça esmaga as illusões radiantes  
e deixa o coração ermo como um calvario...

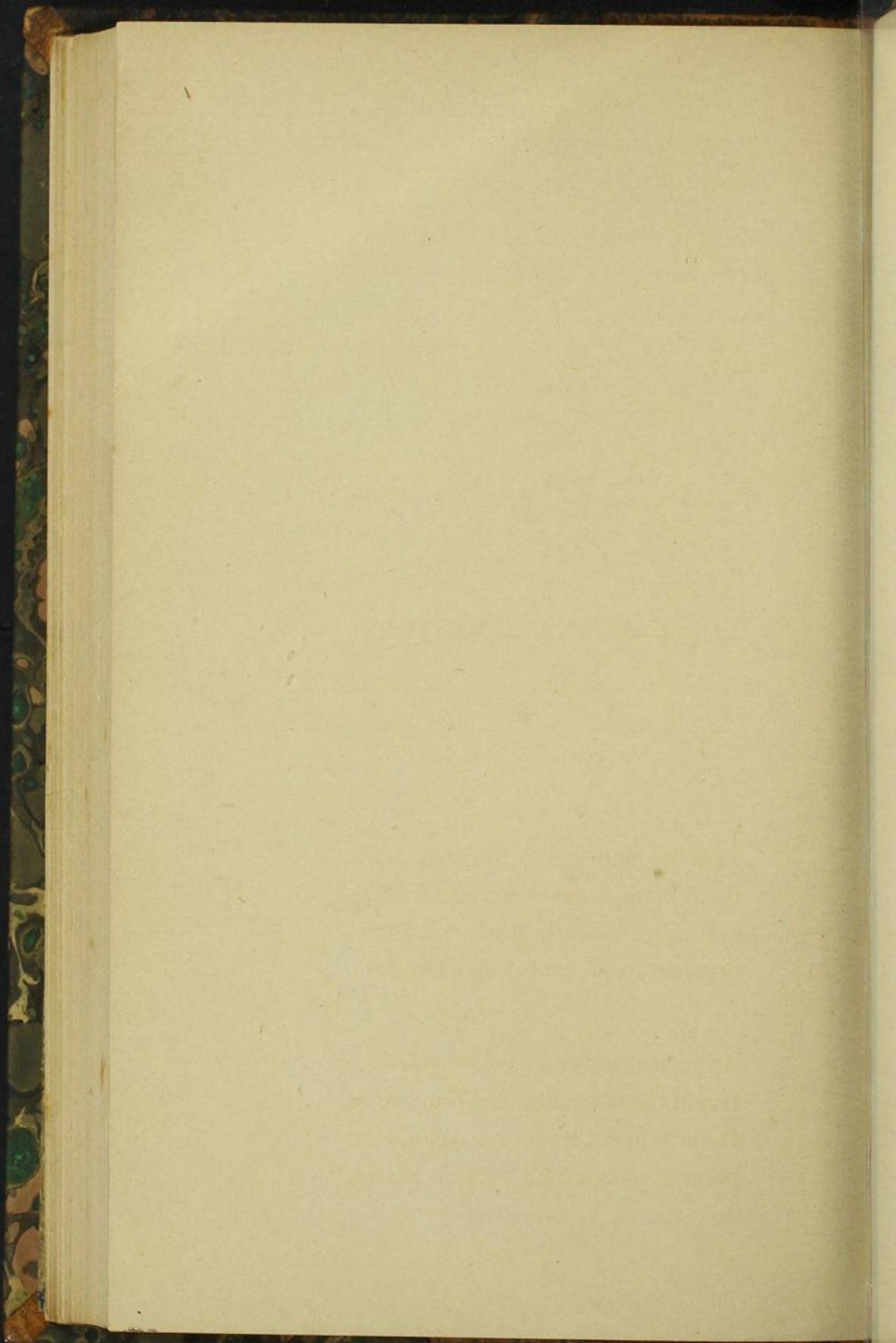
O roble corpulento, o roble solitario  
trazia-lhe á memoria as illusões da infancia.  
Enchia o coração na calida fragrancia,  
que exhalavam do seio as plantas inclinadas,  
revendo com saudade as eras afastadas

do seu primeiro amor, do seu primeiro affecto,  
a miragem feliz d'um sonho mal completo,  
a única illusão da sua vida inteira!...

E pôz-se a imaginar que a flôr da lorangeira  
lhe engrinaldava ainda a fronte immaculada...  
viu-se junto do altar, em lagrimas banhada,  
sentindo o coração como que a arder em lava,  
sem se atrever a olhar o noivo que a fitava,  
esse bello rapaz valente e carinhoso  
de musculos de ferro e coração bondoso!  
E que magua ao lembrar-lhê a noite do noivado!  
a alegria febril do velho Pae—coitado!  
que já tambem morreu... e a Mãe toda chorosa  
sentindo-se feliz, sentindo-se vaidosa,  
suffocada abraçando o encanecido ancião!...

A noite da tristeza encheu-lhe o coração.  
Cahira hallucinada em livido quebranto;  
e no seu meditar que se transforma em pranto,  
n'um chôro que produz os mais crueis abalos,  
julgava ainda vêr o padre a abençoal-os!...

Calaram-se de todo os rouxinoes na mata.  
A lua appareceu como uma flor de prata  
no firmamento azul... Um silencio completo.  
Passa de quando em quando um luminoso insecto.  
E a criancinha, a rir, deitada sobre a relva,  
vendo o ceu atravez das arvores da selva,  
uma nesga de ceu onde o luar fluctua,  
disse, n'um tom mavioso:—«oh mãe! quem fez a lua?..»



## AMORES SILVESTRES

---

Isto foi pelo tempo das malhadas.  
Recolhiam-se os trigos sazonados,  
e os lavradores de perfis tostados  
repoisavam á sombra das latadas.

As raparigas, sacudindo o trigo,  
levantavam a palha nas morcias...  
O sol morria; ás tardes nas aldeias  
paíra a saudade no silencio amigo!

E foi então que eu vi, doce trigueira,  
os teus olhos profundos,—brandos mares,  
onde eu afogo os intimos pezares,  
onde naufraga a minha vida inteira...

Quando eu passei junto de ti, recordas  
esse momento d'ineffavel goso?  
Meu coração calado e venturoso  
áquelle «Adeus!» vibrou todas as cordas.

E a tua imagem, desde então, persiste  
ligada á minha vida, ao meu futuro...  
Como a hera sustenta o velho muro,  
sustem e anima esta existencia triste...

Isto foi pelo tempo das malhadas,  
e nunca mais te vi, trigueira linda!  
O inverno trouxe as almas afastadas,  
e vem tão longe a primavera, ainda!...

## CANÇÃO DO OUTOMNO

---

VAMOS entrar no inverno; o sol já tem desmaios,  
e os arbustos sem folha, as arvores franzinas  
estremecem de frio e bebem os seus raios,  
que pulverizam de oiro a cinza das neblinas.

É mais claro o luar, as noites são mais puras;  
entristece o abandono a solidão dos prados;  
e como a estranha flôr do tédio, entre as verduras,  
camélias vão abrindo os labios orvalhados. . .

Na sombra humedecida a essencia das violetas  
docemente perfuma esta melancolia . . .  
e na téla immortal do coração dos poetas  
a magua aromatiza a flôr da phantasia.

Se o dia é bello e o ceu d'azul serenidade,  
exhala-se de toda a natureza em paz  
uma tristeza irmã do tedio e da saudade,  
um desgosto da vida intenso e pertinaz.

Em breve o gêlo inunda os cumes dos outeiros,  
engrossando a torrente em fervido cachão,  
e o vendaval sacode a rama dos pinheiros,  
e o mar tenta partir as grades da prisão.

Fechando, em pleno dia, as azas iriadas,  
parece que a noss'alma ingenua e virginal,  
ao primeiro soprar violento das nortadas,  
se confrange tambem no lucto universal.

E na angustia sublime, ao declinar da tarde,  
no occaso sem calôr, prestes a desmaiar,  
como em frente da Morte um coração covarde,  
o sol hesita um pouco e afoga-se no mar . . .

## AFFINIDADES SECRETAS

---

**C**ONTEMPEMOS o tronco envelhecido. A custo nasce aquelle renovo, e a todos os momentos alimenta-se e cresce e chega a ser arbusto, com os ramos cobrindo os galhos corpulentos do carcomido tronco...

A senectude austera,  
com grinaldas de musgo e com abraços d'hera,  
trabalha e soffre e lucta arrebatando a seiva,  
com a raiz cravada á productiva leiva,  
para dar vida á infancia!

Olhando o grupo eu cuido  
que prende a Natureza o mesmo estranho fluido;

---

que no tronco e no arbusto e no reptil e na ave  
existe alguma coisa humanamente suave,  
como no homem existe um pouco d'esse instinto  
da panthera ferida e do leão faminto...

## IN AMARITUDINE

---

QUANDO isto succedeu estavamos em julho.  
Se ás vezes me entristeço e com pezar vasculho  
como um antiquario as noites da memoria,  
lembra-me com saudade esta singella historia  
que tanto me commove e nunca hei de esquecer,  
guardando-a como o noivo a imagem da mulher  
que a Morte lhe roubou quasi ao sair da egreja...  
Fecho-a no coração, se a phantasia adeja  
em distantes regiões esplendidas e bellas,  
como uma incrustação de perolas e estrellas!

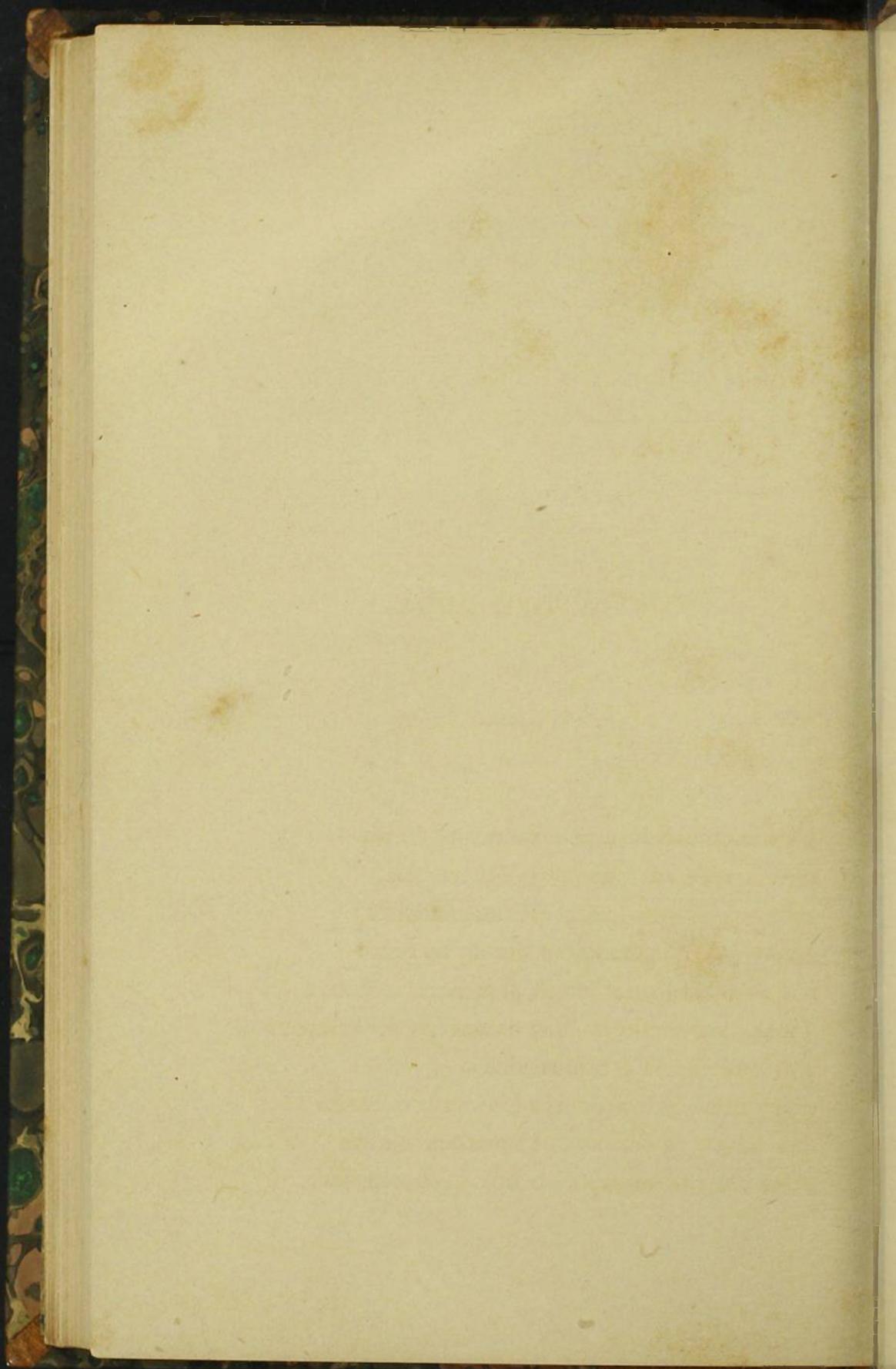
Estavamos em julho. Eu vivia na aldeia;  
buscava a grande paz das arvores, tão cheia  
d'angustias eu trazia a alma esphacelada!  
Moravamos, então, n'uma casa arruinada,  
n'um antigo solar cheio de musgo e d'hera,  
que ao desamparo tinha essa expressão austera  
d'um fidalgo que morre unido á sua crença.  
Do meu quarto avistava a perspectiva immensa  
das montanhas azues nos tons crepusculares,  
e alli desafogava os meus crueis pezares,  
negros como um esquife e os pannos d'uma eça.  
A vida para mim era uma noite espessa,  
um ceu feito de chumbo e estrellas apagadas,  
onde apenas ouvia as seccas enxadadas  
a cobrirem de terra as taboas d'um caixão...

Foi n'esse estado atroz que eu tive esta illusão,  
quando fitava immerso em tristes pensamentos  
a cordilheira erguida a desafiar os ventos  
no horisonte longinquo, ao por do sol glorioso.  
Uma pomba d'aspecto eburneo e setinoso  
(chóro se n'esta ideia o espirito concentro)  
a esvoaçar entrou pela janelle dentro

do meu quarto; poisou sobre um estranho busto,  
— vestigio que ficou d'algum artista augusto,  
velha imagem, talvez, d'um sancto ou d'um heroe —  
e as azas distendeu como o corvo de Poë  
n'aquella solidão, cheia d'um tedio amargo...

Ao vê-la despertei do mystico lethargo  
em que a dôr me lançou, profunda e silenciosa;  
sentí-me renascer, voltar á vida ociosa,  
n'uma uncção, n'uma paz, tão salutar, tão calma,  
como quem vê florir a murcha flôr da alma  
e n'um momento esquece a angustia que o devora.  
Nos diluvios da magua a pomba foi a Aurora  
e o arco da Alliança e o ramo da oliveira,  
o talisman que prende a minha vida inteira,  
que encerra toda a paz e um mundo em si contem...

Pomba! Serias tu, Alma de minha Mãe?



## ARVORE AMIGA

---

**N**A campina deserta e silenciosa havia uma arvore só. Quando o rio crescia, as margens inundando impetuosamente, como um titan batia a furia da torrente n'uma lucta brutal, n'um desespero eterno... Tinha um seculo já. Nas passagens do inverno, a arvore despia a tunica viçosa e oppunha os braços nús á força prodigiosa das aguas, ao soprar dos furacões, batida pelas chuvas, exposta ao frio... A sua vida

foi o eterno combate, a sanguinosa lucta  
da existencia esmagando a Natureza bruta!...

Eu tinha um grande affecto ao vegetal sombrio.  
Quando se aproximava o laborioso estio,  
afastando, esquecendo as maguas infinitas,  
no tronco alimentava as plantas parasitas,  
e cheio de bondade e cheio de carinhos,  
vestia-se de folha, enchia-se de ninhos!

Uma vez encontrei— surgia a madrugada  
no horisonte inflammado— a arvore derrubada  
na campina deserta. Ella que resistira  
ao frio, á chuva, ao sol, aos vendavaes, cahira  
aos golpes do machado em impeto leonino...  
Alguem, quem quer que foi o barbaro assassino,  
arrasou, destruiu desapiedadamente  
um seculo de vida e de trabalho ingente,  
em lucta com o inverno e em lucta com o sol.  
Diluia-se no azul o vivido arrebol  
da madrugada clara; e o roble destruido,  
quando a aurora vestia o azul indefinido,  
morreu saudando a luz nas amplidões suaves,  
beijado pelo sol, chorado pelas aves

melancholicamente em saudosa elegia . . .  
e no eterno bater das aguas, parecia  
que a magua torturava o coração do rio!  
No inverno ha de choral-o o furacão sombrio  
como um rei desgrenhado ao vento das procellas;  
hão de sempre verter-se os prantos das estrellas,  
e nas manhãs do estio, ao despontar da aurora,  
as lagrimas de luz que a Natureza chora! . . .  
Exilado do sol, dos bosques, das florestas,  
nunca mais gosará nas rumorosas festas  
da Natureza, quando o resplendor de maio  
lança um riso de luz e um beijo em cada raio!  
Roubado á paz da terra em que elle germinara,  
nunca mais ouvirá, na verdejante seara,  
a limpida canção ingenua das ceifeiras,  
como um bando gentil d'arveloas palreiras,  
colhendo alegremente os sazoados fructos!  
Nunca mais, nunca mais, sem lagrimas, sem luctos,  
na sua virginal dalmatica virente,  
verá morrer o sol n'angustia do poente,  
assistindo, na paz dos grandes luctadores,  
com surpresa risonha ao rebentar das flores!  
Nunca mais, nunca mais, oh vegetal antigo!  
Choro-te, porque enfim eu era teu amigo;  
muitas vezes dormi á tua sombra calma  
o somno virginal que nos repouisa e acalma,

como o somno que dorme o pequenino infante  
guardado pelo braço herculeo d'um gigante!

Hoje, quem sabe lá que vento ou que destino  
te levou pelo mundo em fragil desatino,  
saudoso do luar, dos bosques, do arvoredo?  
Sosinho, abandonado á noite d'um degredo,  
quem sabe se tu és, oh roble destruido,  
a taboa a que se abraça o naufrago perdido,  
um berço, um cadafalso, um tumulto, um altar,  
ou se andas pelo ceu no fumo d'algum lar?!...

SUNT LACRYMÆ RERUM

---

A Guerra Junqueiro.

I

*Super flumina Babylonia . . .*

N'ESTA idade cruel d'heroicos movimentos,  
como nas convulsões d'um grande hallucinado,  
quem ha que se extasie ante o luar gelado  
e o profundo chorar monotono dos ventos?!

Queimaram-se na luz do pensamento alado  
os nossos corações e os velhos sentimentos . . .  
e o mar soluça ainda os funebres lamentos  
ao resvalar do sol no occaso ensanguentado! . . .

No delirio da vida a Sociedade, agora,  
é vertigem que segue o rutilar da Aurora...  
e só tu, Natureza, athletica repousas!

Ninguem, ninguem entende a embriaguez dos lirios,  
as tristezas da tarde e os lugubres martyrios  
que rasgam noite e dia as angustiadas Cousas!

II

*Per amica silentia lunæ...*

Que profunda tristeza dolorosa  
envolve a Natureza em noites claras!  
geme o vento nas tremulas searas  
uma canção tristissima e chorosa...

O orvalho sobre o lirio pudibundo  
crystallizando a gotta melindrosa,  
é talvez uma lagrima saudosa  
do luar silencioso e vagabundo...

Os arvoredos têm uma linguagem  
erguendo para o ceu desesperados  
os enormes suspiros da folhagem...

A flôr ostenta os seios golpeados;  
rolam prantos amargos da ramagem  
dos chorões de cabellos desgrenhados...

III

*Cor Naturæ conturbatum est . .*

Ninguém entende a tua dôr maguada,  
o teu comprido chôro, oh Natureza!  
sempre envolvida em mantos de tristeza,  
por canticos soturnos embalada . . .

Ninguém entende a tua dôr sombria,  
nem os gritos convulsos da rajada,  
nem o pranto que em noite constellada  
dos astros moribundos se desfia . . .

Por toda a parte as Cousas vão morrendo  
com as tristezas do luar batendo  
nas ruínas d'um palacio abandonado...

O coração da Natureza chora,  
quando o sol no poente se descora  
como um titan que morre estrangulado...

*De risu oritur dolor...*

Na attitude das Cousas silenciosas  
eu leio claro as suas lendas vivas:  
ha volupias no calice das rosas  
e gemidos d'amor nas sensitivas...

Mas entre as alegrias mentirosas  
tambem descubro maguas pungitivas,  
lamentações e lagrimas piedosas  
como o pranto das almas afflictivas...

Ha dôres fundas nas paysagens ledas!  
gritos, soluços no rugir das sedas,  
e tristezas na lua congelada...

E ninguem sabe, nem calcula ou pensa,  
que tambem é soturna, grave, immensa,  
a tristeza fatal d'uma risada!...



# INDICE

---

## LYRICAS

Symphonia d'abertura . . . . .	7
--------------------------------	---

### LIVRO I

Eterno thema . . . . .	13
O Cravo murcho . . . . .	17
As perolas . . . . .	19
Cadencias tristes . . . . .	21
Dialogos no outomno . . . . .	23
In extremis . . . . .	27
Illusão perdida . . . . .	29
Magua celeste . . . . .	31
Madrigal funebre . . . . .	35
Rosa branca . . . . .	39
Em frente do esquife . . . . .	41
Castello em ruinas . . . . .	43
Pallida e loira . . . . .	45
Ultima nota . . . . .	47

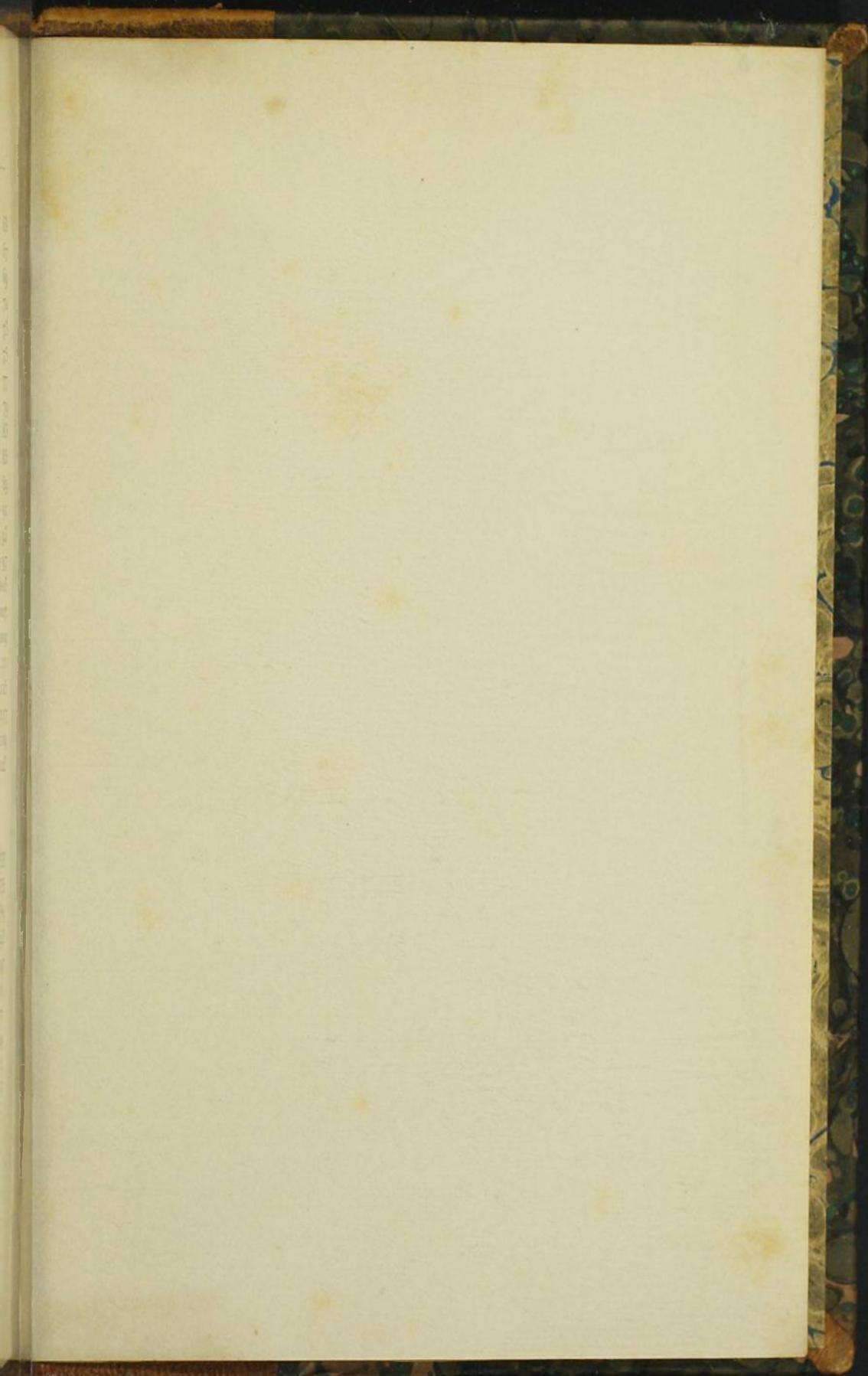
### LIVRO II

Aos meus condiscipulos . . . . .	53
Flores de Carne:	
I. Laís . . . . .	57
II. Lesbia . . . . .	58
III. Santa Thereza de Jesus . . . . .	59
VI. Rigolboche . . . . .	60

Quadras á visinha . . . . .	63
Tragedia simples . . . . .	67
Madrigal excentrico . . . . .	69
Ecce vindicta mea . . . . .	71
Distico . . . . .	73
Sonho desfeito . . . . .	75
Sobre o rio Thchú . . . . .	77
Meus sobrinhos. . . . .	79
Horoscopo . . . . .	83
A resurreição de Tabitha . . . . .	85
Diogo Bernardes . . . . .	89
No cemiterio . . . . .	91
Seguidilha . . . . .	93
Anacreonticas . . . . .	97
O Corvo. . . . .	103
Zelotypia . . . . .	107
Na cabeceira d'um berço . . . . .	109
Canção da decadencia . . . . .	111
Morena. . . . .	115
Lieder . . . . .	117
Versos á lua . . . . .	119
Depois da guerra. . . . .	123

## BUCOLICAS

Symphonia d'abertura . . . . .	133
Fragmento d'uma carta . . . . .	135
Depois do jantar . . . . .	139
Tintas d'aurora . . . . .	143
Moderno Hephaïstos . . . . .	147
Elegia rustica . . . . .	151
Amores silvestres. . . . .	157
Canção do outomno . . . . .	159
Afinidades secretas . . . . .	161
In amaritudine. . . . .	163
Arvore amiga . . . . .	167
Sunt lacrymæ rerum . . . . .	171



17622

